

+

+

+

+

+

+

+

+



revista

Número 2

Vocare

Revista de Teologia da UniFil



VOCARE

Revista de Teologia da UniFil

Reitor: Dr. Eleazar Ferreira

Coordenador: Emerson Mildenberg

Arte: Bruno Jorge

Capa: Raphael Tait e Marcos Garcia

Formatação: Graziela Cervelin

teologia@unifil.br

Vocare: Revista de Teologia da UniFil [recurso eletrônico] /
Centro Universitário Filadélfia - UniFil. - v.1, n.2 (2023)-.
– Londrina: Ed. UniFil, 2023-.

Semestral
Coordenação Emerson Mildenberg

1. Teologia - Periódicos. I. Centro Universitário Filadélfia. II. Mildenberg, Emerson, coord. III. Título.

CDD 200

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834



PALAVRA DO REITOR



Uma das formas predominantes de Teologia no cristianismo tem sido a Teologia como sabedoria, ou seja, *sapientia*. A UniFil se identifica com essa definição visto que é uma Instituição confessional e ao longo destes anos tem formado homens e mulheres apaixonados pelas Escrituras e pelo Reino de Deus.

No centro da Teologia que a UniFil viabiliza, está Jesus Cristo, mistério revelado como Sabedoria de Deus ao mundo. As Escrituras abrem para os

seres humanos a possibilidade de entendimento desta revelação de Deus em Cristo Jesus.

Destarte, a Revista Eletrônica de Teologia VOCARE da UniFil, é um espaço não somente para reflexão teológica, como também ao chamamento a esta *sabedoria* de Deus ao homem contemporâneo.

Nossa proposta é promover o saber e aprendizado com vistas a viver em consonância com princípios expostos nas Escrituras Sagradas, analisando-os com espírito de constatação da fé. Com esta perspectiva, desenvolvemos uma *práxis* transformadora que possibilita crescimento da fé cristã, liderança e pastoral da Igreja.

Faço votos que todos (as) os leitores (as) reúnam bons frutos dos trabalhos a título que cada vez mais, possamos ser instrumentos de transformação na sociedade.

Boa leitura!

Dr. Eleazar Ferreira
Reitor



EDITORIAL
Tema principal

Editorial

Núcleo de Pastoralidade – UniFil

“Os tempos são outros”. Este jargão oriundo da sabedoria popular, ainda que, despretensioso de um lado e comum de outro, nos leva a pensar em *movimento*. A bem da verdade, “os tempos são outros” em todo o tempo! Heráclito de Éfeso (540 a.C. a 470 a C), pré-socrático, considerado o “Pai da dialética” afirmou: “*Não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio porque as águas renovam-se a cada instante*”.

Eis um exemplo claro de “movimento”, ou, ainda, “os tempos mudam”, e, portanto, “são outros”.

Com o advento e potencialização da IA (inteligência artificial) desde a indústria até a educação, verificamos muitos impactos e transformações em todas as frentes sociais, suscitando debates éticos pelo viés do algoritmo.

Sob este prisma, inevitavelmente surgem desafios que nos levam a pensar sobre a fé cristã, a igreja de Cristo e a educação teológica.

Desde o protestantismo, a educação teológica ocupa um lugar privilegiado no Brasil por meio de escolas cristãs e lideranças interessadas com este quadro. Capacitação de líderes, graduação, especialização, cursos de preparo e qualificação em universidades confessionais e institutos livres, tiveram ao longo da história a pretensão, e, possuem contemporaneamente, o propósito de “equipar” estudantes vocacionados ou entusiastas a uma educação teológica e prática ministerial com mais propriedade e destreza.

Nesta edição da revista VOCARE iremos conferir motes que versam sobre esta asserção e similares sempre com vistas a levar você, prezado (a) leitor (a), a refletir sobre a divisa, “*os tempos são outros*”, mas com enfoque para a educação teológica e a realidade do entorno social.

Na seção “Diálogos contingentes”, o músico e professor Luís Carlos Ferreira Benzi colabora conosco com seu artigo “A MÚSICA GOSPEL CONTEMPORÂNEA E A FRONTEIRA ENTRE O SAGRADO E O SECULAR”.

O Tenente Coronel da Policial Militar do Paraná, Marcos Tordoro, nos desperta a examinar a disciplina e a constância na vida do cristão no seu artigo “A DISCIPLINA PARA SER ODRE NOVO”.

Da perspectiva ocupacional, o profissional de Marketing e Propaganda e especialista em mídias digitais interativas, Raphael Tait, compartilha conosco sobre a “ÉTICA, MARKETING E A RELAÇÃO COM O DIVINO”.



Em tempo, você já parou para refletir se a espiritualidade pode beneficiar a vida profissional do indivíduo? Há quem diga que a ocupação profissional é uma espécie de oração com as mãos!

Desenvolver a moral e a honestidade, agir com paciência, otimismo e coragem são reflexos do papel da espiritualidade no ambiente do trabalho.

Sobre a relevância da espiritualidade no contexto laboral, a gerente do RH da UniFil Adilséia Soriani Batista indica por meio de seu artigo quanto a dimensão e notoriedade da temática supracitada.

Na seção “Debate”, o chanceler e professor de Teologia da UniFil, Rev Dr. Osni Ferreira difunde conosco a base para a dedicação ao ensino dos apóstolos aplicando no hoje, princípios das Escrituras Sagradas com seu artigo “O DESAFIO DA PREGAÇÃO E ENSINO”.

Na seção “Pastoral”, recebemos o líder de jovens Murilo Lucini Dias da Igreja Batista Sião de Maringá dividindo conosco seu pensamento sobre os “Jovens Cristãos e a sociedade do Cansaço: desafios na pluralidade, desempenho e fé”. Ele compartilha também algumas fotos do evento lighthouse que contou com a presença do Pastor Davi Lago. Foi um momento ímpar na vida dos participantes.

Egresso do curso de Teologia da UniFil, Rafael de Sousa Plath comenta sob sua perspectiva e minha orientação o artigo “Chamados para servir”. Uma palavra suavizando para a fé e espiritualidade sadia.

Na seção “Contraponto”, temos o privilégio de pensar com a mente da jornalista e apresentadora Sara Presoto sobre o compromisso na vida profissional sem comprometer a fé: “A metanarrativa da fé e o compromisso com a notícia”. Imperdível!

Na seção “day off”, a sugestão é “Lucy”, filme de 2014 que conta com dois “gigantes” do cinema, a saber, Scarlett Johansson e Morgan Freeman. Pipoca e guaraná, como tradição, são ótimos acompanhantes.

Na seção do CPEL (Conselho de Pastores de Londrina) fique por dentro da agenda e os delineamentos do conselho.

Percebemos que esta edição está pluridisciplinar tendo como finalidade primeva, estimular, você, caro (a) leitor (a) a pensar conosco sobre fé e espiritualidade e seus convergentes.

Boa leitura!

*Prof. Emerson Mildenberg
Coordenador do Curso de Teologia – UniFil*





SUMÁRIO

ii
kk
ii
hh
gg

ii
hh

\\ SUMÁRIO

Diálogos Contingentes9



A MÚSICA GOSPEL CONTEMPORÂNEA E A FRONTEIRA ENTRE O SAGRADO E O SECULAR

*Luís Carlos Ferreira Benzi
Emerson Mildenberg*



A DISCIPLINA PARA SER “ODRE NOVO”

Marcos Antonio Tordoro



ÉTICA, MARKETING E A RELAÇÃO COM O DIVINO

Raphael Tait



A RELEVÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO LABORAL

Adilséia Soriani Batista

Debate35



O DESAFIO DA PREGAÇÃO E ENSINO

Osni Ferreira

Pastoral65



**JOVENS CRISTÃOS E A SOCIEDADE DO CANSAÇO:
DESAFIOS NA PLURALIDADE, DESEMPENHO E FÉ**

Murilo Lucini Dias



CHAMADOS PARA SERVIR

Rafael de Sousa Plath

Emerson Mildenberg

Contraponto77



**A METANARRATIVA DA FÉ E O COMPROMISSO COM A
NOTÍCIA**

Sara Arrebola de Moraes Presoto

Day Off.....82

CPEL – Conselho de Pastores de Londrina85



DIÁLOGOS CONTINGENTES

A MÚSICA GOSPEL CONTEMPORÂNEA E A FRONTEIRA ENTRE O SAGRADO E O SECULAR

Luís Carlos Ferreira Benzi¹
Emerson Mildenberg²

RESUMO

A música gospel contemporânea é um gênero musical que emergiu no cenário cristão nas últimas décadas, buscando refletir a cultura e os valores da sociedade contemporânea. Ela se difere das formas tradicionais de música gospel, como o hino coral, por incorporar elementos da música popular, como o rock, pop, R&B, hip-hop e outros estilos modernos. A fronteira entre o sagrado e o secular na música gospel contemporânea é um tema de debate e reflexão. Alguns argumentam que a incorporação de elementos musicais seculares pode diluir a mensagem religiosa e comprometer a pureza das intenções espirituais. Outros defendem que essa abordagem é necessária para alcançar um público mais amplo e relevante, usando as formas culturais contemporâneas para transmitir uma mensagem de fé e esperança. Em resumo, a música gospel contemporânea é uma expressão musical que busca mesclar elementos do mundo secular com mensagens religiosas. Essa abordagem gera discussões sobre os limites entre o sagrado e o secular, questionando se é uma forma válida de alcançar e impactar diferentes públicos ou se representa uma diluição da mensagem espiritual.

10

Palavras-chave: música gospel contemporânea; música; religião; fronteira entre o sagrado e o secular.

INTRODUÇÃO

Antes de tratar, diretamente, sobre o tema proposto, “A Música Gospel Contemporânea e a Fronteira Entre o Sagrado e o Secular”, é importante observar que a música, em si, proporciona uma ampla gama de benefícios e experiências que enriquecem a nossa vida de diversas maneiras. **1) Arte e entretenimento:** A música proporciona ao ser humano momentos de alegria e prazer, servindo como um escape da rotina diária. **2) Expressão emocional:** Por meio da música, podemos expressar nossas emoções, tanto para o autor quanto para o ouvinte, isto é, ela nos permite canalizar sentimentos e emoções complexas que podem ser difíceis de expressar

¹ Músico e professor do Colégio Londrinense. E-mail: luis.benzi@colegiolondrinense.com.br

² Coordenador do Curso de Teologia e Ministério Pastoral – UniFil

apenas com palavras. **3) Comunicação cultural:** A música está presente na identidade cultural de um povo. Ela transmite tradições, valores, crenças e histórias de uma nação. A música possui a capacidade de auxiliar em muitos outros aspectos para a humanidade como: **Conexão social; Terapia e bem-estar; Estimulação cognitiva; Mudança de humor e motivação; Transcendência cultural e linguística.** Em suma, a música desempenha um papel profundo e complexo na vida do ser humano, afetando suas emoções, comportamento e relações sociais. É uma forma de arte que nutre a alma e enriquece a experiência humana de maneira única. Iremos, agora, focar no tema deste presente artigo e buscar compreender um pouco melhor sobre o papel da música no contexto da espiritualidade cristã.

GOSPEL

O termo “gospel,” tem origem no inglês e é frequentemente associado à “música gospel” e ao “gênero musical gospel”. A palavra gospel em inglês deriva do termo “God-spell”, que significa “good news” (boas novas) ou “evangelho”. O conceito tem suas raízes na tradição cristã e se refere às mensagens de fé e esperança presentes no evangelho, particularmente no contexto do cristianismo. Gospel é um estilo musical que se desenvolveu nas comunidades afro-americanas nos Estados Unidos no início do século XX. Ele incorpora influências de música espiritual, música religiosa afro-americana, blues e outros estilos. A música gospel é geralmente caracterizada por letras que expressam a fé, a esperança, a devoção e a gratidão a Deus, e é frequentemente cantada por corais, grupos, bandas e cantores com forte emotividade e fervor religioso. Além da música, o “gospel” também pode ser usado para descrever qualquer mensagem ou ensinamento que transmita boas notícias, especialmente no contexto religioso, onde o “evangelho” se refere à mensagem central da salvação e da redenção através de Jesus Cristo, conforme descrito nos evangelhos do Novo Testamento. Em resumo, o fenômeno “gospel” é associado ao evangelho cristão e à música e mensagens que expressam fé, esperança e devoção a Deus.

ADORAÇÃO

A “adoração” como uma ramificação do “gospel”, refere-se ao ato de expressar devoção, louvor e reverência a Deus, geralmente ou quase sempre por meio da música. Mas não somente por meio dela, a adoração pode ser expressada de outras formas. Existem pessoas que ainda entendem a adoração como um ato de expressão feita única e exclusivamente por meio da música, talvez devido às instituições religiosas atrelarem o momento da adoração aos músicos. Sabendo que a adoração é uma prática que transcende o âmbito do cristianismo, sendo encontrada em várias religiões e tradições espirituais em todo o mundo, é de suma importância compreender que adoração, no cristianismo, refere-se à um ato de reverência, respeito, gratidão, submissão, devoção, louvor e amor à Deus. Mas quais as formas de se adorar a Deus? Os fiéis podem expressar sua adoração a Deus por meio da, 1) Oração. A oração é uma das formas mais profundas de adoração a Deus. Essa é uma das formas mais singelas de se comunicar com Deus, a fim de expressar os sentimentos, necessidades, gratidão, pedidos, tanto de modo individual quanto coletivo. 2) Música. Desde os tempos bíblicos, o louvor e a adoração eram constantemente elevados à Deus por meio de canções. Os cento e cinquenta capítulos de salmos são, na verdade, hinos que os salmistas compuseram em seu tempo. O nível de intimidade que os salmistas tinham com Deus era tão profundo que se transformaram em hinos. O rei Davi, por exemplo, que é o maior autor do livro de salmos, compunha suas canções sempre ligadas às suas experiências de vida, fossem elas alegres ou tristes. Iremos observar agora, alguns aspectos que diferem a teologia das “canções bíblicas” com a “música gospel contemporânea”. Nas denominações religiosas cristãs, a música é um elemento indispensável em seus cultos, suas missas, seus ritos. Sim, a música desempenha um papel fundamental nas diversas instituições religiosas cristãs em todo o mundo. Ela é uma parte essencial da adoração e das práticas de culto, independentemente da denominação cristã. A música, como observamos anteriormente, não é a única, mas uma das formas de expressão espiritual que enriquece a experiência religiosa e emocional dos fiéis, proporcionando uma conexão mais profunda com a fé e a devoção a Deus. A presença da música nas instituições pode assumir diversos estilos, desde o “hino tradicional”, muito presente nas

instituições evangélicas que é, geralmente, executado pelo coral com o acompanhamento de um piano acústico ou órgão; a “música instrumental”, que é bastante comum em algumas instituições evangélicas como, “Congregação Cristã no Brasil” e “Assembléia de Deus”, geralmente composta por instrumentos de sopro e cordas e a “música gospel contemporânea”, a qual iremos nos aprofundar a seguir.

MÚSICA GOSPEL CONTEMPORÂNEA

A música gospel contemporânea surgiu como uma evolução do “gospel tradicional”, incorporando elementos musicais modernos e refletindo a cultura e a sensibilidade do mundo contemporâneo. Algumas das características da música gospel contemporânea incluem, 1) Estilos musicais diversificados. A música gospel contemporânea abrange uma ampla variedade de segmentos como, pop, rock, R&B (Rhythm and Blues), hip-hop, música eletrônica e outros gêneros populares. Essa diversidade de estilos permite que a música gospel alcance diferentes públicos e se adapte a diversas preferências musicais. 2) Letras modernas e relevantes. As letras das músicas gospel contemporâneas são frequentemente relevantes para questões e desafios enfrentados pelas pessoas no mundo atual. Elas abordam temas como fé, esperança, amor, superação, aceitação e resiliência. 3) Letras inspiradoras e mensagens positivistas. A música gospel é conhecida por suas letras inspiradoras e mensagens positivistas, que geralmente transmitem fé, esperança, amor e encorajamento. Essas mensagens têm o poder de tocar profundamente as pessoas, oferecendo conforto em tempos difíceis e motivando-as a enfrentar os desafios da vida com esperança e otimismo. 4) Instrumentação moderna: A música gospel contemporânea faz uso de uma variedade de instrumentos modernos, como teclados, sintetizadores, guitarras elétricas, baterias eletrônicas, entre outros, que dão uma sonoridade atual e vibrante às composições. 5) Apelo emocional: A música gospel contemporânea é projetada para tocar as emoções do ouvinte, proporcionando-lhe conforto, inspiração e uma sensação de conexão espiritual.

Desde o seu surgimento, a música gospel tem evoluído e se mesclado com diversos estilos, tornando-se versátil e atraindo pessoas de diferentes culturas e origens. A música gospel é caracterizada por suas letras que, geralmente, transmitem

valores de fé, esperança, amor e espiritualidade. Essas letras têm o poder de tocar o coração e a alma das pessoas, oferecendo conforto, ânimo e encorajamento. Alguns dos estilos musicais que se fundem com a música gospel incluem o gospel tradicional, gospel contemporâneo, gospel country, gospel urbano, gospel rock, entre outros. Essa diversidade permite que as mensagens e as crenças religiosas sejam transmitidas de maneira apropriada para diferentes grupos e contextos culturais. A música gospel também tem se mostrado uma forma eficaz de expressão artística e cultural, contribuindo para a propagação do evangelho. É importante destacar, aqui, que, em alguns casos, a música tem ocupado o lugar da pregação nas igrejas, o que de acordo com o conceito bíblico a música deve servir de auxílio à pregação e não o inverso. É notório como, em muitas igrejas, a música se tornou o cartão de visitas, o chamariz, o ponto central de atração, ou seja, ela tem sido uma força impulsionadora na criação de novos movimentos e subgêneros musicais dentro do cenário religioso e cultural. Mas a música gospel não se limita apenas ao meio eclesiástico, ela tem sido, também, um agente importante na quebra de barreiras entre a igreja e o mundo secular. E seguindo para o desfecho deste artigo, veremos em linhas gerais que a música gospel contemporânea ultrapassa a fronteira entre o sagrado e o profano.

14

A FRONTEIRA ENTRE O SAGRADO E O SECULAR

A fronteira entre o sagrado e o secular é uma questão complexa, especialmente na música gospel contemporânea, que se baseia em influências musicais variadas e muitas vezes utiliza estilos e técnicas que estão presentes em outras formas de música secular. Alguns pontos a serem considerados são: 1) Estilo e ritmo. A música gospel contemporânea pode incorporar ritmos, batidas e estruturas musicais que são comuns em gêneros musicais secularizados, como pop, rock, R&B e hip-hop. Isso pode levantar questionamentos sobre como a música gospel pode manter sua identidade sagrada, mesmo quando usa elementos associados a músicas profanas. 2) Letras e temas. Embora a música gospel contemporânea tenha mensagens inspiradoras e espirituais, algumas letras podem ser interpretadas como menos teologicamente focadas ou menos profundas em comparação com a música gospel tradicional. Isso pode gerar debates sobre a qualidade da mensagem e sua relação

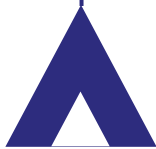
com o conteúdo sagrado. 3) Acessibilidade e audiência. A abordagem mais contemporânea da música gospel permite que ela alcance um público mais amplo, incluindo pessoas que podem não ter uma afiliação religiosa específica. Isso pode levantar questões sobre como manter o propósito religioso e sagrado da música ao mesmo tempo em que se torna mais acessível ao público em geral. 4) Contexto e propósito. A música gospel contemporânea muitas vezes é usada tanto em contextos religiosos quanto em eventos seculares, como shows, festivais e programas de televisão. A interpretação da música e sua mensagem podem ser diferentes dependendo do contexto em que são apresentadas.

É importante notar que a música gospel contemporânea também tem sido percebida por sua capacidade de alcançar e tocar pessoas fora do ambiente eclesial, transmitindo o evangelho aos quatro cantos da terra. Além disso, a música é uma forma de expressão artística e cultural, e sua evolução e adaptação fazem parte do desenvolvimento natural da música ao longo do tempo.

CONCLUSÃO

A música gospel contemporânea tem sido uma ferramenta poderosa para propagar o verdadeiro evangelho da cruz, que é o cerne da mensagem cristã. Essa abordagem musical tem como objetivo transmitir a mensagem central do evangelho de Jesus Cristo, sua morte sacrificial na cruz e sua ressurreição, além dos ensinamentos sobre o amor, perdão, graça e esperança que ele pregou. Em meio aos acordes harmoniosos e às palavras inspiradoras de uma linda canção cristã, encontramos uma janela para a presença divina. A música gospel contemporânea nos convida a uma jornada emocional e espiritual, levando-nos a uma proximidade íntima com Deus. Cada nota ecoa como um chamado à adoração, e cada verso nos lembra da grandeza do amor divino. Ao ouvirmos atentamente, somos envolvidos por uma atmosfera de reflexão e introspecção, onde nossas almas encontram conforto e esperança. A melodia se entrelaça com nossos corações, inspirando-nos a buscar a presença de Deus em nossas vidas diárias. Através de uma linda canção cristã, somos lembrados de que não estamos sozinhos em nossa caminhada, pois Deus caminha conosco em cada passo. Seus ensinamentos de amor, compaixão e perdão ressoam

em cada acorde, orientando-nos em direção a uma vida mais significativa e espiritual. Assim, a música gospel contemporânea torna-se uma trilha sonora para nossa comunhão com o divino, uma ponte que une nossa humanidade à divindade. Ao cantar ou ouvir, somos convidados a mergulhar em uma experiência de adoração, onde a presença de Deus se manifesta de forma real e poderosa.



A DISCIPLINA PARA SER “ODRE NOVO”

Marcos Antonio Tordoro*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, alicerçado na praticidade das coisas e dos acontecimentos, com simplicidade e pragmatismo, buscará dialogar com a disciplina e a constância dando enfoque na vida de um cristão nascido de novo e que necessita de vinho novo para sua jornada, como peregrino¹ aqui na Terra. Por isso, preliminarmente, é necessário falar da disciplina, para que estas considerações iniciais sirvam de base para toda jornada de reflexões, que serão colocadas adiante.

Disciplina tem relação direta com constância e a fazer o que tem que ser feito quando não há vontade para tal. É fazer o que tem que ser feito, independente da motivação. É ter atitude para mortificar a carne e vivificar o Espírito², quando a vontade maior é satisfazer os desejos carnis. Neste desiderato, o pecado não é bom apenas, mas sim, delicioso; portanto, a atitude disciplinada está em recusar o pecado, deixando de satisfazer a vontade do corpo e fazer a vontade de Deus³, que vai trazer vida e recompensa eterna.⁴

Não é fácil ser constante na caminhada cristã. São muitos os desafios e as adversidades. Entretanto, todos fomos alertados que teríamos dificuldades por aqui, que teríamos aflições⁵, mas era e é para termos bom ânimo e coragem para seguirmos firmes e em frente.

* Ten. Coronel da Policial Militar do Paraná; mestre em Políticas Públicas pela UEM; especialista em direito penal e em formulação e gestão de políticas públicas pela UEL; bacharel em Direito e Segurança Pública; autor do livro “LIDERANÇA. Atitude, hierarquia, disciplina e coragem para fazer a diferença em um ambiente hostil. 2 ed. 2019”. *Instagram @mtordoro*.

¹ BUBYAN, John. **O peregrino**. Traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

² Romanos 8:13 (Porque, se vocês viverem segundo a carne, caminharão para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificarem os feitos do corpo, certamente viverão.) NAA

³ 1 João 2:17 (Ora, o mundo passa, bem como os seus desejos; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.) NAA

⁴ Apocalipse 22:12 (Eis que venho sem demora, e comigo está a recompensa que tenho para dar a cada um segundo as suas obras.) NAA

⁵ João 16:33 (Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.) Josué 1:9 (Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.) ARA

Precisamos de força para seguir e fazer o que tem e que precisa ser feito. Não estou a enaltecer somente as obras e realizações, mas elas são importantíssimas nessa jornada peregrina, que todo cristão está passando, pois, a minha e a sua fé, sem obras, sem realizações é morta⁶. Daí a pergunta: quem quer viver com uma fé morta? Precisamos de uma fé que nos faça enxergar além do que os nossos olhos naturais enxergam⁷ e que esse firme fundamento⁸ nos impulse a agradar a Deus, dado que sem fé é impossível agradar a ELE.⁹

Precisamos ser disciplinados para pensar naquilo é verdadeiro¹⁰, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama; pensar nas coisas que são virtuosas e louváveis, de modo que tudo isso concorre com todas as provocações do mundo, as quais influenciam, pesadamente, os pensamentos dos homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Ainda, visando a plena comunhão com o SENHOR, precisamos de constância e disciplina para uma vida de oração e de leitura da Palavra de Deus, que é viva e eficaz¹¹, lâmpada para os nossos pés e luz para nossos caminhos¹². Orar e ler a bíblia, são atitudes que fazem a diferença, mas que nem sempre haverá vontade para tal; daí a importância para fazer sem vontade mesmo, como demonstração prática da disciplina que faz a diferença e que mantém o cristão como um odre novo, para que o vinho novo sempre esteja presente. Agora, como parte final deste trecho introdutório, alguns pressupostos precisam ser consignados, como por exemplo, o fato de que um odre novo significa uma nova criatura¹³, que renunciará as vontades da carne e caminhará, no dia a dia, com olhar voltado para o Senhor¹⁴. Este mesmo cristão é ungido com azeite¹⁵, ou seja, ele é ungido pelo Espírito Santo. Neste diapasão, vinho

⁶ Tiago 2:17 (Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.) NAA

⁷ Efésios 1: 18-19 (Peço que iluminem os olhos do coração de vocês, para que saibam qual é a esperança da vocação de vocês, qual é a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual é a suprema grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder.)

⁸ Hebreus 11:1.

⁹ Hebreus 11:6 (Sem fé é impossível agradar a Deus) NAA

¹⁰ Filipenses 4:8

¹¹ Hebreus 4:12

¹² Salmos 119:105 (Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos.) NAA

¹³ 2 Coríntios 5:17 (E, assim, se alguém está em Cristo é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.) NAA

¹⁴ Salmos 121:1-2 (elevo meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra.) NAA

¹⁵ Salmos 23:5 (Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges a minha cabeça com óleo; o meu cálice transborda.) NAA

novo deve ser colocado em odre novo e o vinho novo é símbolo da vida abundante¹⁶, que Jesus Cristo nos oferece. Vinho novo é a alegria que nos fortalece¹⁷, durante os processos difíceis e dolorosos da vida.

2 ODRE NOVO

Odre era um recipiente de couro utilizado para transportar água ou vinho, por exemplo. Era confeccionado com couro de ovelha e costurado com bastante justeza para que o líquido permanecesse na bolsa. Funcionava como um cantil e conservava a temperatura da água naquele ambiente desértico. Um odre velho, devido ao desgaste e ressecamento não suportava bem a pressão, quando se colocava vinho novo, pois a fermentação produzia gases e forçava o couro, que rompia. Da mesma forma, a costura, e com isso vazava líquido e/ou estourava. Diante dessa peculiaridade, vinho novo não poderia ser acondicionado em odre velho, ou seja, vinho novo teria que ser colocado em odre novo.

O odre velho estava endurecido e não tinha mais elasticidade suficiente para resistir aos gases produzidos pela fermentação de um vinho novo. Nesse contexto, na vida prática cristã, as pessoas também precisam ser flexíveis, pois aquelas¹⁸ que são teimosas e de coração duro, vão sempre resistir ao Espírito Santo. As pessoas duras e inflexíveis, não receberão vinho novo.

Vinho novo é derramado em odres novos.

No Novo Testamento, nos evangelhos de Mateus¹⁹, Marcos²⁰ e Lucas²¹, essa parábola do vinho novo está registrada por Jesus.

Pois bem, um cristão que represente um odre novo deve ser amável, paciente, não se ensoberbecer²², orar²³, jejuar, buscar conhecimento na palavra para não

¹⁶ João 10:10 (O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.) NAA

¹⁷ Neemias 8:10 (...Portanto, não fiquem tristes, porque a alegria do Senhor é a força de vocês.) NAA

¹⁸ Atos 7:51 (Homens teimosos e incircuncisos de coração e de ouvidos, vocês sempre resistem ao Espírito Santo. Vocês fazem exatamente o mesmo que fizeram os seus pais.) NAA

¹⁹ Mateus 9:17

²⁰ Marcos 2:22

²¹ Lucas 5: 37-38

²² 1 Coríntios 13

²³ 1 Tessalonicenses 5: 17

perecer²⁴, ter seu coração quebrantado²⁵, revestir-se da armadura de Deus²⁶, não ser adepto da mentira²⁷, não praticar as obras da carne²⁸. Sua vida deverá refletir o fruto do Espírito Santo e estar rendido a Deus. Um odre novo é um homem ou uma mulher que segue em frente com base na Palavra de Deus. É o que enfrenta dificuldades, mas glorifica ao Senhor em todos os momentos²⁹. É aquela pessoa que tem domínio próprio³⁰, fruto do Espírito Santo que fortalece a alma e nos faz alcançar vitórias sobre a vontade da carne.

Quando um homem ou uma mulher se arrependem, pedem perdão pelos seus pecados e aceitam a Jesus com seu único Senhor e Salvador, ocorre o novo nascimento; o que era velho se torna novo; o velho homem morre e nasce um novo. Significa também deixar a velha natureza e viver segundo a nova. Tudo isso é graças ao sacrifício na cruz, do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Importa destacar que o vinho novo não acabou e está disponível para todos que forem encontrados como odres novos, pois somente em odres novos é que se coloca vinho novo. Vai ser necessário firmeza de caráter, uma fé madura e viva, constância em todos os dias, sabendo que haverá dias bons, dias não tão bons e dias muito difíceis. Contudo, nada poderá nos separar do amor de Deus, desse vinho novo que nos impulsionará a seguir cumprindo o “IDE”³¹ e a manter a mão firme no arado, pois ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus³². Quem recebe e mantém seu odre cheio de vinho novo não larga a mão do arado e vai para onde Deus mandar, seja para pregar o evangelho, ouvir, abraçar, orar, enfim, faz a vontade do Pai. É desafiador, mas ELE vai capacitar e mostrar o caminho. Por fim, um homem novo tem um coração quebrantado, pois destes, o SENHOR não se afasta.³³

²⁴ Oséias 4:6

²⁵ Salmos 51:17

²⁶ Efésios 6:10

²⁷ João 8:44.

²⁸ Gálatas 5:19-21.

²⁹ ! Tessalonicenses 5:18

³⁰ Gálatas 5:23

³¹ Marcos 16:15 (E disse-lhe: Vão por todo mundo e preguem o evangelho a toda criatura.) NAA

³² Lucas 9:62 NAA

³³ Salmos 34:18 (Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado; ele salva os de espírito oprimido.” NAA

Portanto, muitas adversidades vão tentar nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, para que o vinho novo não seja real e presente na vida de um cristão e, por conseguinte, diminuir-se-ia a esperança, a fé e o amor, de modo que este último, além de diminuir, esfriar-se-ia³⁴.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo cristão precisa de vinho novo. Sempre haverá vinho novo para renovar a alegria e o entusiasmo no evangelho e nas pessoas que precisam ser cuidadas, pastoreadas e salvas pelo poder da Palavra.

Neste contexto, ressalto a importância da disciplina e da constância na caminhada de um crente em Jesus Cristo. Ele precisa estar ciente que as armadilhas serão preparadas³⁵, que as dificuldades estarão a frente e por isso se revestir da Armadura de Deus³⁶, para enfrentar as batalhas cotidianas, olhando para alto, que é de onde vem o socorro e as vitórias³⁷.

Para tudo isso, para romper em fé, para vencer o mundo, precisamos nascer de novo, precisamos estar como um odre novo, pois aquele que é nascido de Deus vence o mundo e a vitória que vence o mundo é a nossa fé.³⁸

³⁴ Mateus 24:12

³⁵ Salmos 31:4 (Tira-me o laço que às escondidas me armaram, pois tu és a minha fortaleza.) NAA

³⁶ Efésios 6:14-18

³⁷ 1 Coríntios 15:57 (Graças a Deus que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.) NAA

³⁸ 1 João 5:4

ÉTICA, MARKETING E A RELAÇÃO COM O DIVINO

Raphael Tait¹

Se fizermos o exercício de comparação de uma igreja com uma empresa, podemos dizer que a igreja oferece alguns produtos e serviços como por exemplo o batismo, casamento, missas/cultos etc. Entendemos então que a religião é um importante produto do qual todo homem é um consumidor em potencial. De ordem material ou existencial, os produtos suprem necessidades – e aqui colocamos a religiosidade - e mesmo que seus produtos sejam tradicionais e já tenham uma boa aceitação pelo público, necessitam de inovações para atrair cada vez mais novos “clientes”.

Frente as propagandas nas mídias digitais ficamos repletos de informações sensoriais: poder, fama, dinheiro, sucesso pessoal, profissional, familiar, bom desempenho sexual, status social, neste contexto encontramos também perfis, contas e seguidores no ambiente religioso, enfim, a cada inserção exibida quer seja na mídia tradicional ou na digital, somos colocados em confronto com tudo o que nos cerca, com tudo o que pode ter ou não um valor, seja moral, ético ou de ideais.

Se considerarmos que há uma direta comparação entre o que assistimos e o que temos ou somos, fica clara a necessidade de que cada vez mais as empresas utilizem as ferramentas de marketing para transformar algo que não é necessidade básica em objeto de desejo essencial, ou seja, utilizar-se de estratégias de marketing. Para isso, sabemos que os anunciantes não medem esforços, principalmente os financeiros, para confrontar de maneira cada vez mais sutil, em alguns casos, mas em outros, de maneira grosseira, nossas conquistas reais com as desejadas ou suscitadas por eles.



Na bibliografia mais tradicional do marketing encontramos marketing com a identificação e a satisfação das necessidades humanas e sociais, definido de uma

¹ Bel. em Marketing e Propaganda. Especialista em Mídias Digitais Interativas. Mestrando em Planejamento Estratégico de Marketing

maneira simplista, como uma forma de suprir necessidades lucrativamente. Nesse pensamento encontramos, também, que: Marketing é a área do conhecimento que engloba todas as atividades concernentes às relações de troca, orientadas para a satisfação dos desejos e necessidades dos consumidores, visando alcançar determinados objetivos da organização ou indivíduo e considerando sempre o meio ambiente de atuação e o impacto que estas relações causam no bem-estar da sociedade.

Ou então, é o processo de planejar e executar a definição do preço, promoção, distribuição de ideias, bens e serviços com o intuito de criar trocas que atendam metas individuais e organizacionais. Desta forma é possível identificar que o marketing tem uma função importante na venda de produtos ou serviços para a organização. Tendo ainda como principais objetivos atrair novos clientes, prometendo-lhes valor agregado superior ao concorrente, mantendo e cultivando clientes atuais, proporcionando-lhes satisfação.

O marketing teve origem no Brasil por volta de 1954. É uma palavra inglesa, que traduzida para o português significa, ação no mercado ou mercado em movimento. A Associação Americana de Marketing definiu o termo como “desempenho das atividades comerciais que dirigem o fluxo de bens e serviços do produtor ao consumidor ou usuário”.

23

Marketing em uma definição social pode ser entendido como um processo social pelo qual os grupos e indivíduos têm necessidades e anseiam por meio da criação da oferta e troca de produtos e serviços de valor com outros. Em uma visão gerencial, como a arte de vender produtos. Pode ser visto, também, como um processo social, pelo qual são reguladas a oferta e a demandas de bens e serviços para atender às necessidades sociais. É, ainda, uma orientação da administração, uma filosofia, uma visão.

Em síntese, organizações e pessoas utilizam o marketing para agregarem valor ao seu produto ou serviço ofertado.

Observamos pelo referencial acima apresentado que muitos autores trabalham numa linha muito tênue entre o desejo de satisfazer as necessidades e o ambiente



social em que cada indivíduo se encontra, porém não discorrem sobre questões éticas.

É um processo social. São necessidades e anseios. São também distribuição de ideias. E aqui vamos nos ater, então, em algo quase despercebido pela maioria das pessoas, potenciais compradores, onde se inserem os conceitos de ética nesse ambiente de desejos, necessidades, satisfação ou realização.

DELIVERY E SUA PRATICIDADE

Para exemplificar o ponto de vista a ser apresentado logo mais à frente, retrataremos o seguinte comercial publicitário, protagonizado por um ator humorista de renome nacional, cujo comportamento e atitudes refletem um nicho, na faixa etária, de 25 a 40 anos, solteiro, independente e de bem com a vida, assim



ele utiliza um aplicativo de celular *smartphone* para solicitar a compra de um *fast food delivery*, ao final da apresentação e encenação ele encerra o comercial com a frase **“simples assim, num toque e sem falar com ninguém”**.

Ora, como assim? Desde quando falar com alguém se tornou algo que possa ser um empecilho, ou até mesmo um complicador nas relações interpessoais? Até onde podemos compreender para se estabelecer uma relação entre duas pessoas, é necessário ao menos que existam um emissor e um receptor e, com isso, se concretize a relação. Relação esta que não coloca em choque o meio pelo qual a comunicação seja realizada, se presencial ou virtual, se por cartas manuscritas ou por e-mails digitados, mas de qualquer maneira há sempre dois personagens nas extremidades.

No exemplo acima fica claro que a opção de não se relacionar com alguém é a proposta da empresa e que a apresenta como maneira prática e rápida. Mas que há um conceito de auto independência e autossuficiência, isso é claramente demonstrado.

Praticamente todas as atividades de um sistema de marketing podem ser interpretadas de acordo com uma visão positiva ou negativa quanto à sua correção

ética. Fazendo um exame de algumas das atividades típicas dos profissionais de marketing é o suficiente para perceber a frequência com que acabam por se deparar com decisões de natureza ética. Desde a concepção do produto - matérias primas necessárias, características, nível de desempenho etc., até sua efetiva comercialização.

E A ÉTICA?

Na busca por referência sobre o tema em questão encontra-se o professor John F. Gaski que realizou extensa investigação sobre o tema da ética no marketing, consultando inúmeros trabalhos publicados por seus pares da academia. Seu estudo, publicado já nos idos de 2000, no *Journal of Business Ethics*, apontou quatro focos principais de análise:

- A ética na perspectiva filosófica e a maneira como se manifesta no marketing;
- O caráter ético intrínseco das atividades de marketing;
- Pesquisas sobre crenças e comportamentos de práticos e teóricos de marketing; e
- Indicações de comportamentos éticos a serem adotados por profissionais de marketing.

Permeando estas quatro categorias existe um conjunto de recomendações e prescrições sobre postura ética no marketing, direcionadas aos profissionais da área. Todas as indicações, segundo o autor, podem ser sintetizadas em dois princípios fundamentais:

- a. obediência à lei, e;
- b. tomada de decisão baseada no próprio interesse, desde que dentro da lei.

Pertencem ao rol de recomendações "não comercializar produtos perigosos ou potencialmente danosos" e "não enganar o consumidor", além de algumas indicações quanto à precificação de produtos e serviços, "não praticar preços predatórios" está entre elas. Ademais, há também alguns exemplos de prescrições essencialmente baseadas na lei: "não coaja membros do sistema de distribuição"; e na defesa dos

próprios interesses dos profissionais e de suas empresas: "não menospreze competidores" e "disponibilize canais para reclamações de clientes".

Conclusão do autor: "o que tem sido apresentado como questões éticas no marketing são, na realidade, nada mais do que questões legais e econômicas".

MARKETING RELIGIOSO



Ainda na área de marketing, este abarca o recente Marketing Religioso, que surge na percepção de que a sociedade atual passou por modernizações e inversões de valores, gerando uma enorme divergência de opiniões, as quais tiveram como consequência o declínio de fiéis nas diversas instituições religiosas. Estas organizações devem o seu aparecimento e consolidação à base em necessidades espirituais da humanidade, portanto, o marketing deve se revestir dessa utilidade, direcionando os trabalhos para o alcance desta missão, as desenvolvendo qualitativamente e satisfazendo as necessidades espirituais destes fiéis.

O marketing passa, então, a ser aplicado em favor destas organizações, onde as mesmas são comparadas a empresas, as quais oferecem serviços para sanar necessidades e desejos da humanidade. "O marketing direciona a organização para sua missão: permitir a aproximação de cada pessoa e de toda a sociedade de Deus, potenciando a satisfação das necessidades espirituais [...]."

Atualmente, o Marketing Religioso não se limita apenas à atração de fiéis. É possível observar uma "crise de identidade" nas instituições religiosas, as quais se apoiam na ideia do marketing para transformar as liturgias em verdadeiros "balcões comerciais", se distanciando dos propósitos iniciais de Deus aos seus filhos.

Líderes de igrejas que se dedicam à prática da mercantilização da fé podem ser considerados verdadeiros mercadores que exploram as necessidades espirituais dos fiéis, se aproveitando da ignorância de pessoas menos esclarecidas, oferecendo em troca do dinheiro, o tão almejado conforto e amparo espiritual. A finalidade desta

mercantilização é a venda da religião como produto de compra. As igrejas que colocam seus produtos nas prateleiras, e fazem dos seus templos um mercado, terão consumidores que aplicarão a fidelidade enquanto os frutos oferecidos satisfizerem seus desejos. Assim como até quando as “sete sextas da vitória”, “sal grosso”, “água de Israel”, “quarta da vitória”, “fogueira santa” e outros “entretenimentos”, bem como coreografias, teatros, shows e diferentes atrativos derem resultados aos que buscam a satisfação espiritual.

No entanto, o consumidor necessita ser cativado por meio de um relacionamento saudável, com uma frequência de fidelidade, já que “os mercadores da fé têm abusado tanto das estratégias do marketing que suas igrejas estão sendo conhecidas como verdadeiros supermercados da fé”. O marketing se tornou comum em todos os setores da vida e modificou o trabalho que executamos como, também, aproximou o mundo de um modo jamais concebido anteriormente. Apesar disso, em todo este contexto em que o Marketing tem sido aplicado à religião, não se pode esquecer que uma igreja não é um negócio. Assim, “os supermercados da fé possuem fiéis ou consumidores?”

Na esteira desse pensamento, acreditamos que um cliente fiel é aquele que está envolvido, presente, que não muda de produto, e mantém o consumo frequente. Um cristão, ao vincular-se a uma comunidade aprende a importância que tem seu relacionamento com Cristo, isso é, sua intimidade com os preceitos norteadores de suas crenças. A partir dessa intimidade surge o chamado “testemunho cristão”, o qual reflete os valores adquiridos na prática, tais como: amor ao próximo, domínio próprio, longanimidade, resiliência, entre outros. O envolvimento com a marca resulta em intimidade que por si poderá resultar em fiéis defensores e evangelistas da marca.

Assim, os valores e atributos “intangíveis” são o ponto de encontro para a relação íntima entre o produto e o consumidor, pois este busca não somente um serviço de qualidades palpáveis, mas uma representação de seus ideais e anseios intangíveis. Logicamente, a conquista definitiva da fidelidade do consumidor não acontece de uma hora para outra, pois se trata de um serviço árduo que depende de



uma gestão que saiba não apenas conquistar, mas preservar esses clientes, atingindo sua satisfação.

Assim, o Marketing Religioso pode ser utilizado de forma a aproximar os fiéis da igreja, mantendo seu relacionamento com eles e mantendo a mensagem do cristianismo. Diante do cenário da sociedade atual, onde a inversão de valores e a modernização estão presentes, é fundamental que o Marketing Religioso se proponha, justamente, em organizar mecanismos para transmitir o posicionamento da instituição de modo distinto, resgatando e anunciando a paz e a salvação na pessoa de Jesus Cristo e sua verdade.

REFERÊNCIAS

ARMOSTRONG, G. KOTLER, P. **Princípios de Marketing**. 12. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007. 600 p.

CASAS, A. L. L. **Marketing, Conceitos exercícios casos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 324 p.

CASAS, A. L. L. **Marketing de serviços**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 257 p.

CARVALHO, F. L. B. *et al.* **Marketing Religioso e Relações de consumo**: um estudo qualitativo sobre a fidelidade no universo cristão. São Luis: UFM, 2015.

GASKI, J. F. Does marketing ethics really have anything to say? A critical inventory of the literature. **Journal of Business Ethics**, v. 18, n. 3, feb. 1999. (Será que a ética do marketing realmente tem algo a dizer? Um inventário crítico da literatura.

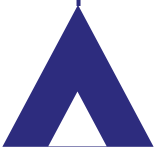
KOTLER, P. KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Hall, 2006. 750 p.

PETER, J. P. JR, G. A. C. **Marketing, Criando valor para os clientes**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. 626 p.

ROCHA, A. CHRISTENSEN, C. **Marketing, Teoria e prática no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 284 p.

TANNUS JR., José J. Ética na propaganda. **Jornal O Liberal**, Americana-SP, p. 2, 2003. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/publicacoes/artigos-05.asp>. Acesso em: 02 fev. 2023.

TRIGO, Luciana; CIPOLLA, José Hamilton Maturano. **Marketing e religião. Estudo de caso da Igreja Renascer**. 2007. Disponível em:
<https://sistema.semead.com.br/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/456.pdf>.
Acesso em: 02 fev. 2023.



A RELEVÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO LABORAL

Adilséia Soriani Batista¹

Falar sobre este tema me fez repensar alguns aspectos importantes nas minhas relações profissionais. Quando iniciei minha carreira profissional na área de Recursos Humanos, jamais se cogitava misturar trabalho com espiritualidade. Eram temas que não se encontravam de forma alguma. Estamos falando da década de 80. Como a humanidade tem evoluindo constantemente, ainda bem, este tema passou a fazer parte da discussão entre os vários profissionais e já se sabe que o ser humano, por ser integral e sem separações, não poderia deixar de levar em conta a importância da espiritualidade e o quanto ela contribui para tornar a vida das pessoas com mais esperança, serenidade e conquistas, dando impulsos para que haja crescimentos.

Mas como tudo isso pode fazer parte de projetos organizacionais sem confrontar as escolhas religiosas pessoais? Vou abordar aqui um pouco sobre o tema e apresentar algumas possibilidades do que pode ser feito para contribuir com a serenidade e positividade relevantes para o bem-estar das pessoas.

Inicialmente vamos definir o que é espiritualidade? Buscando por uma definição me deparei com alguns conceitos que os achei bastante pertinentes. Vou compartilhar aqui para iniciar nossa reflexão.

No site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, encontrei a seguinte definição: “Espiritualidade pode ser entendida como o conjunto de crenças que traz vitalidade e significado aos eventos da vida. É a propensão humana para o interesse pelos outros e por si mesmo. Ela atende à necessidade de encontrar razão e preenchimento na vida, assim como a necessidade de esperança e vontade para viver” (SAAD; MEDEIROS, 2020).

Outro conceito que encontrei foi que “a espiritualidade pode ser definida como a busca humana por um significado para a vida por meio de conexões intangíveis” (CAFFEINE ACADEMY, 2021).

¹ Professora, Psicóloga, Pedagoga e Mestre em Administração

E por fim, “o termo espiritualidade origina-se do latim “spiritus”, que quer dizer “sopro”. É aquele sopro divinal de nossas almas, o nosso encontro com a nossa própria essência na busca por algo maior que nós mesmos. O enriquecimento do nosso eu interior, para, então, conectarmo-nos com o que está fora e além de nós” (EUSEMFRONTEIRAS).

O que podemos concluir a partir destes três conceitos? Que a busca do ser humano por algo maior, pela busca de dar um sentido e propósito para sua vida, de compreender que podemos estar aqui para tornar a nossa vida e a das que estão no entorno de nós cada vez melhor pode ser muito significativa e faz todo um diferencial no começar diário do nosso dia, inclusive para ir ao trabalho.

Muito bem, já tendo claro o significado do tema, agora podemos abordar sobre a espiritualidade no ambiente de trabalho. Ao buscar mais informação sobre este tema obtive um direcionamento que me fez ver que se as pessoas possuírem uma espiritualidade para suas vidas, com certeza irão impactar positivamente também sua relação com o trabalho. Dois autores, Ashmos e Duchon (2000 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015):

ênfatisam que a espiritualidade no trabalho se relaciona à percepção de como a vida interior dos trabalhadores é viabilizada pelo contexto laboral e, ao mesmo tempo, exerce influência sobre ele, propiciando um trabalho que é significativo para o indivíduo e seus colegas de trabalho. Em resumo, a espiritualidade não está ligada a um sistema religioso, nem a rituais organizados ou proselitismos, quando vivenciada no âmbito laboral, ou seja, ela não envolve doutrinas ou crenças religiosas institucionalizadas, estando, ao contrário, relacionada a uma nova perspectiva de humanização do trabalho, ao situá-lo em um contexto moral e social ampliado (BELL; TAYLOR, 2004; SILVA; SIQUEIRA, 2009 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015).

Anteriormente ao surgimento desta discussão da espiritualidade no trabalho, vários atores tentavam entender como as pessoas percebiam o seu bem-estar no ambiente de trabalho. Este era o foco de discussão e investigação. Surgiu vários modelos e as diferentes conceituações e modelos desenvolvidos na tentativa de melhor compreender o bem-estar no trabalho. Vejamos como alguns autores tratam esta explicação.

De acordo com o modelo discutido por Paz (2004 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015), há sete indicadores de bem-estar laboral, quais sejam: a valorização no trabalho, o reconhecimento pessoal, a autonomia, a expectativa de crescimento, o suporte ambiental, os recursos financeiros e o orgulho. Já para Siqueira e Padovam (2008 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015), o bem-estar no trabalho compreende três componentes: a satisfação no trabalho, o envolvimento com o trabalho e o comprometimento organizacional afetivo. Van Horn *et al.* (2004 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015), por sua vez, propuseram um modelo de bem-estar laboral que abrange cinco dimensões: bem-estar afetivo, bem-estar profissional, bem-estar social, bem-estar cognitivo e bem-estar psicossomático. No que tange aos antecedentes do bem-estar no trabalho, Warr (2007 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015) postula a existência de 12 características do ambiente de trabalho, dividindo-as em cinco fatores associados à natureza da tarefa e em sete fatores relacionados ao contexto da organização.

Diante destas explicações é evidenciado que, durante as últimas décadas, os esforços dos pesquisadores permitiram a compreensão mais acurada dos elementos que o compõem o bem-estar no trabalho. Entretanto, mesmo assim, não foi possível se chegar a um consenso sobre as diferentes dimensões que integram tal construto. A única dimensão que é comum aos diferentes modelos é a dimensão afetiva. Por que ela nos chama a atenção? Por que compreendo que este componente é significativo e é por onde transita ou está relacionado com a espiritualidade. Principalmente porque a afetividade nos leva para relações mais verdadeiras, comunitárias e com respeito. Marques (2006 apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015):

afirma que a espiritualidade no trabalho se associa à consciência entre as pessoas, da necessidade de ligação, respeito e reconhecimento, o que faz com que ela não se restrinja aos ambientes privados, manifestando-se, ao contrário, principalmente nos ambientes profissionais. Ela se define, portanto, pelo sentido de conexão dos indivíduos à comunidade de trabalho; pela possibilidade de realizar tarefas com significado para as próprias vidas, desenvolvidas no contexto de uma comunidade; e pelo sentido de alegria e respeito pela vida interior, o que implica a necessidade de a organização fornecer oportunidades para que seus membros possam vivenciá-la (REGO *et al.*, 2007a; REGO; SOUTO; CUNHA, 2007b apud SILVA FILHO; FERREIRA, 2015).

Temos então duas condições que se entrelaçam, o bem-estar e a espiritualidade. As organizações podem desenvolver projetos que fortaleçam estas duas vertentes e pode contribuir para maior nível de satisfação, bem-estar, positividade e crescimento dos indivíduos. Ao trazer a dimensão espiritual para dentro das organizações se abre caminho para que o colaborador possa desenvolver e nutrir aspectos de sua essência que muitas vezes foram abafados pelo contexto do trabalho. É possível, inicialmente, definir a espiritualidade no local de trabalho como o reconhecimento de que as pessoas possuem uma vida interior que alimenta e é alimentada pelo contexto do trabalho com significado em um ambiente marcado pelo senso de comunidade (ASHMOS; DUCHON, 2000 apud REIS, 2014).

A espiritualidade pode ser considerada como um ganho, sendo muito bem-vinda nas realidades organizacionais, pois interfere de maneira positiva em questões relacionadas à performance, clima, relacionamentos, liderança e ampliação da responsabilidade social. É fundamental compreender que existe um indivíduo carente de sentido e de realização no mundo do trabalho que tem colocado seu alento nos feriados, finais de semana e férias. O trabalho pode e deve ser encarado como uma extensão de realizações pessoais e a agregação da espiritualidade neste contexto pode significar uma resposta efetiva.

33

Assim, para uma organização obter a gestão espiritualizada ela necessita adotar ao menos, as seguintes práticas:

a) *Exercício da espiritualidade*: difusão dos conceitos da espiritualidade através da comunicação interna e da promoção de palestras e cursos; incentivo à meditação, qualidade de vida e a promoção dos valores universais;

b) *Valorização do funcionário*: respeitar o indivíduo como pessoa; evitar a valorização excessiva das metas; fornecer tratamento digno aos funcionários; respeitar suas necessidades emocionais; promover ações de reconhecimento do trabalhador; investir na motivação dos trabalhadores; valorizar o indivíduo pelos seus valores morais e não pelas metas alcançadas; reduzir as pressões para o alcance das metas.

c) *Diminuição da competição interna*: desestimular a competição entre os colegas; estimular o companheirismo, respeito e interação entre os trabalhadores; treinar para evitar preconceitos e desrespeitos no ambiente organizacional;

d) *Diminuição da carga de trabalho*: redução do estresse e cansaço; destinação de tempo para ações comunitárias e práticas da espiritualidade; diminuir a carga de trabalho exaustiva; permitir o relaxamento e a meditação (BEZERRA; OLIVEIRA, 2007 apud CARDOSO; SANTOS, 2016).

Espero que este artigo tenha lhe oportunizado uma reflexão e que possa contribuir para tornar sua vida e sua existência no trabalho como algo complementar e relevante para seu desenvolvimento e crescimento. Compartilhe com outras pessoas de sua convivência esta aprendizagem e pensemos em tornar este mundo cada vez mais colaborativo!

REFERÊNCIAS

CAFFEINE ACADEMY. **Espiritualidade**: o que é, qual sua importância e como desenvolvê-la. 2021. Disponível em: <https://blog.caffeinearmy.com.br/espiritualidade/espiritualidade-o-que-e-qual-sua-importancia-e-como-desenvolve-la/>. Acesso em: 08 set. 2023.

CARDOSO, Elisângela Julião; SANTOS, Jair Nascimento. Práticas organizacionais de Espiritualidade: Um caminho para a garantia do Bem-Estar Profissional de Jovens Trabalhadores. *In*: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., 2016, Porto Alegre, RS. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS: CBE0, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/download/80/72>. Acesso em: 07 set. 2023.

EU SEM FRONTEIRAS. **O que é espiritualidade?** 2022. Disponível em: <https://www.eusemfronteiras.com.br/o-que-e-espiritualidade/>. Acesso em: 08 set. 2023.

REIS, Marcos Paulo Garzon Puig. **Espiritualidade no Trabalho**: Uma revisão sistemática. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5386/1/21041350.pdf> . Acesso em: 05 set. 2023.

SAAD, Marcelo; MEDEIROS, Roberta de. **Espiritualidade e saúde**. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-aco-es/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/espiritualidade-e-saude#:~:text=Espiritualidade%20pode%20ser%20entendida%20como,esperan%C3%A7a%20e%20vontade%20para%20viver.> 2020. Acesso: em 06 set. 2023.

SILVA FILHO, André Luis Amorim; FERREIRA, Maria Cristina. O Impacto da Espiritualidade no Trabalho Sobre o Bem-Estar Laboral. **Psicol., Ciênc. Prof.**, v. 35, n. 4, dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-3703002482013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3NZFT8GsvSTYm5zRvzMvsdR/#>. Acesso em: 08 set. 2023.



DEBATE

DEBATE

O DESAFIO DA PREGAÇÃO E ENSINO

Osni Ferreira*

RESUMO

Neste artigo, pretendo apresentar a base para a dedicação ao ensino dos apóstolos. Em Atos 2.42 lemos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos...”. Identificaremos, a primeira marca de uma igreja transformadora: o ensino e a pregação. Sem a pregação não há como as pessoas ouvirem e responderem ao amor de Deus por meio de Jesus Cristo. O apóstolo Paulo foi claro ao declarar: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10.17). A pregação também deve trazer ensino para as pessoas, sem ela não haverá crescimento da igreja. Esse é um mandamento bíblico e teológico.

Palavras-chave: desafio; pregação; doutrina; ensino; apóstolos.

ABSTRACT

In this article, I intend to present the basis for dedication to the teaching of the apostles. In Acts 2:42 we read: "And they continued steadfastly in the apostles' doctrine...". We will identify the first mark of a transforming church: teaching and preaching. Without preaching there is no way for people to hear and respond to the love of God through Jesus Christ. The apostle Paul was clear when he declared, "So faith comes from hearing, and hearing from the word of Christ" (Romans 10:17). Preaching must also bring teaching to people, without it there will be no church growth. This is a biblical and theological commandment.

Keywords: challenge; preaching; doctrine; teaching; apostles.

Para que a Igreja cumpra seu papel no mundo é imprescindível que os pastores e pregadores desempenhem seu ministério eficientemente, de maneira que a pregação da Palavra ocupe o momento mais substancial e importante do culto: “Se todos os ministros considerassem o sermão como um ato de culto, muitos púlpitos

* Doutor em Teologia. Chanceler do Centro Universitário Filadélfia de Londrina/PR. Docente do Colegiado de Teologia da UniFil.

ganhariam em dignidade e poder. Aquele que se encontra no púlpito deve ser um embaixador do Deus Altíssimo”¹.

Já o teólogo anglicano John Stott recomenda que: “A primeira coisa a ser lembrada é a necessidade urgente e indispensável da unção e do poder de Deus na pregação”. Segundo ele, estamos vendo com tristeza o espetáculo da impotência da Igreja nos dias atuais. Stott ainda comenta que “em muitas denominações mais antigas, ‘históricas’, há pouca evidência de vida ou poder do Espírito Santo”².

Em seu livro “Pregação e Pregadores”, o teólogo galês Martin Lloyd-Jones atribui a falta de crescimento e, conseqüentemente, o declínio da Igreja, ao empobrecimento e desprestígio do púlpito. Lloyd-Jones é incisivo quando destaca a proeminência da igreja e sua missão na terra. Seu papel é distinto e sua tarefa, indispensável e inconfundível: “A Igreja não pode ser enumerada como uma dentre outras organizações. Não está em competição com seitas, não está em competição com outras religiões e nem com quaisquer outras agências políticas, sociais ou de qualquer outra natureza. A Igreja é uma instituição divina e a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar. O fato de a Igreja negligenciar a pregação genuína da Palavra é o fator responsável, em grande medida, pelo estado da sociedade moderna. A Igreja tem procurado pregar a moralidade e a ética sem que o Evangelho seja o alicerce; tem pregado a moralidade sem piedade. Mas isso simplesmente não funciona, não edifica e jamais edificará o corpo de Cristo. O resultado disso é que a Igreja tem negligenciado sua verdadeira missão e tem entregue a humanidade aos seus próprios recursos”³.

O escritor e evangelista britânico Leonard Ravenhill compartilhava desta mesma visão, a qual demonstrou em seu pequeno, porém notável e desafiador livro “Por que Tarda o Pleno Avivamento?”, no qual focaliza a unção, a oração, a pregação e o avivamento. Ele também é incisivo ao escrever afirmações como: “A grande tragédia de nossos dias é que existem muitos pregadores sem vida no púlpito, entregando sermões sem vida, a ouvintes sem vida. Que lástima!”, “Uma pregação

¹ BLACKWOOD, 1981.

² STOTT, 2012.

³ LLOYD-JONES, 2001.

sem unção mata a alma do ouvinte, em vez de vivificá-la. Se o pregador não estiver ungido, a Palavra não tem vida”; e, “A pregação é uma tarefa espiritual.

Um sermão gerado na mente só atinge a mente de quem o ouve. Mas gerado no coração, chega ao coração. Um pregador espiritual, sob o poder de Deus, produz mentalidade espiritual em seus ouvintes” e, ainda, “Chega dessa pregação estéril, espiritualmente vazia, que é ineficaz, porque foi gerada num túmulo e não num ventre, e se desenvolveu numa alma sem oração, sem fogo espiritual”⁴. Observamos, portanto, que um grande número de crentes nominais em nossas igrejas é fruto de púlpitos frios, sem unção, sem vida e pouca criatividade.

Curiosamente, essa compreensão não é apenas a de especialistas protestantes, clássicos ou contemporâneos, mas também de outros ramos do cristianismo. Como pode-se perceber nas palavras do teólogo católico brasileiro Rodrigo Santos: “O pregador humilde ora, prepara-se, capacita-se com o material formativo disponível. Prepara-se não para ser mais independente de Deus no exercício do ministério, mas para ser um instrumento mais eficaz”.

38

O ministro humilde é simples e manso, tem as mãos vazias e, por isso, Deus as pode encher até transbordarem. Mas o altivo e orgulhoso sempre acha que tem muito a dar. Tem as mãos cheias e, ao mesmo tempo, traz a pretensão de servir a Deus às próprias custas. Não há espaço para a graça no exercício do seu ministério. A unção não é um poder mágico que transforma o ungido num semideus ou em um iluminado, a quem todos procuram para ouvir, ao contrário, a unção é uma ação de Deus que atua levando em conta a liberdade do ungido. Alguém poderia ser um ótimo cantor, mas se não abrir a boca e cantar, por onde a unção vai fluir? Outro pode ter o dom da oração e aconselhamento, mas, se não se dispor a fazê-lo, por onde a graça vai atuar? Do mesmo modo o pregador.

Entendemos, assim, que a combinação harmoniosa das características de um pregador, como suas habilidades, seu preparo, caráter e convicção, e a ação do Espírito Santo – primeiro, nele e, depois, por meio dele – podem contribuir para a transformação de vidas, como veremos a seguir.

⁴ RAVENHILL, 1989.

Mais de um milhão de horas são dedicadas a cada semana, por milhares de pastores evangélicos no preparo de um sermão que será pregado uma vez e ouvido por discípulos, discípulas e outras pessoas, em grandes e pequenos auditórios. Esses números não são verificáveis em todos os países, principalmente quando se trata da frequência aos cultos das igrejas em crescimento. Certamente são sermões bem preparados, sob oração, que fazem diferença na vida daqueles que os ouvem. Afinal de contas, a elaboração do sermão é uma das mais importantes tarefas de um ministro.

Karl Barth, teólogo reformado suíço, considerado por muitos como o maior teólogo protestante do século XX, escreveu que quanto mais tempo passarmos com um sermão, mais ele nos falará e, também, à igreja⁵. Já Richard Baxter, líder puritano inglês, sacerdote e escritor do século dezessete, chamado “o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra”, deixou aos pregadores uma exortação que permanece pelo curso dos séculos: “... preguem para si mesmos o sermão que têm em mente, antes de pregá-lo aos outros. Quando a sua mente tiver prazer nas coisas celestiais, outros o terão também. Então, as suas orações, os seus louvores e as suas doutrinas terão celestial dulçor para o seu povo. Este perceberá quando vocês passaram bastante tempo com Deus”⁶.

39

A maturação de um sermão – que é muito mais do que gastar horas na preparação de uma pregação, ainda que isso seja fundamental –, pode começar muito antes de um pregador começar a escrevê-lo. Na verdade, para cada minuto que um pregador pretenda passar atrás do púlpito de sua igreja, ele deveria gastar uma hora em preparação. Uma das principais responsabilidades de um pastor é pregar fielmente todo o conselho da Palavra de Deus, explicando cuidadosamente o significado do texto e aplicando-o à vida daqueles que estão sob seus cuidados. Pregadores deveriam considerar a pregação como uma responsabilidade sagrada e dar seu melhor, tanto ao preparar como ao entregar um sermão. Entre os muitos benefícios da preparação antecipada de um sermão, destacaremos dois:

1. A qualidade intelectual do sermão. Um pregador dedicado sempre se esforçará para trazer à tona o real significado da palavra pregada. Para isso, ele pesquisará seu texto, buscará referências – como comentários, dicionários e

⁵ BARTH, 2003.

⁶ BAXTER, 1989.

outros – e lançará mão de ilustrações fortes para fundamentar seus argumentos;

2. A qualidade espiritual do sermão. Ouvi alguém dizer certa vez, sobre o cumprimento da missão da igreja sobre a face da terra, que: “Sem nós Deus não quer, e sem Deus nós não podemos”. Aplicando esse pensamento à pregação, afirmo que, por mais que a preparação intelectual de um pregador seja importante, ele não pregará um bom sermão a menos que esteja espiritualmente preparado.

Em seu livro *Pregação*, Timothy Keller, pastor da *Redeemer Presbyterian Church*, de Nova York, escreveu sobre um importante aspecto da elaboração do sermão, que pode ser bom ou ruim, dependendo, em grande parte, dos dons e das habilidades do pregador:

Entender o texto bíblico, extrair dele um esboço e um tema claros, elaborar um argumento convincente, enriquecê-lo com ilustrações tocantes, metáforas e exemplos práticos, analisando de motivações do coração e seus pressupostos culturais e fazendo aplicações específicas à vida real, todas essas coisas exigem um trabalho demorado. Preparar um sermão como esse exige horas de dedicação, e conseguir elaborá-lo e apresentá-lo de forma hábil exige anos de prática⁷.

40

Mas Keller vai além, elevando a questão de um patamar meramente cognitivo para um mais sublime, o espiritual, ao explicar que: “Embora a diferença entre um mau sermão e um bom sermão seja sobretudo responsabilidade do pregador, a diferença entre uma boa pregação e uma pregação *excelente* depende principalmente da ação do Espírito Santo no coração do ouvinte bem como do pregador”⁸. Isso não significa que a possibilidade de Deus usar tanto uma pregação elaborada displicentemente quanto uma preparada cuidadosamente para tocar o coração dos ouvintes seja pretexto para o desleixo e a desatenção para com a maturação do sermão.

Para João Calvino, “O Espírito está unido à palavra, porque, sem a eficácia do Espírito, a pregação do evangelho de nada adiantará, mas permanecerá estéril”⁹. E, também para ele, poder falar em Seu nome é um lindo presente que o próprio Deus

⁷ KELLER, 2017.

⁸ Idem.

⁹ CALVINO, 1996.

concedeu ao ser humano: “Entre tantos dotes preclaros com os quais Deus há exornado o gênero humano, esta prerrogativa é singular: que digna a Si consagrar as bocas e línguas dos homens, para que neles faça ressoar Sua própria voz”¹⁰. Calvino, comentando a expressão *coluna da verdade* que é a igreja, conforme escreveu o apóstolo Paulo a seu filho na fé: “Escrevo-lhe estas coisas, embora espere ir vê-lo em breve; mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade (1 Timóteo 3.14,15), continua falando da responsabilidade dos pastores: ‘Deus mesmo não desce do céu para nós, nem diariamente nos envia mensageiros angelicais para que publiquem sua verdade, senão que usa as atividades dos pastores, a quem destinou para esse propósito’”¹¹. Se para o reformador francês a igreja é a *coluna* da verdade, a *verdade* é aquela que abrange tanto a glória de Deus quanto a salvação do homem, preservada no mundo apenas pelo ministério da Igreja... “Daí, que peso de responsabilidade repousa sobre os pastores, a quem se tem confiado o encargo de um tesouro tão inestimável”¹².

Hernandes Dias Lopes escreveu em seu livro “Pregação Expositiva” sobre o processo de preparação do pregador, citando outros autores que reforçam a importância da elaboração do sermão:

É impossível ser um pregador bíblico eficaz sem uma profunda dedicação aos estudos. O pregador deve ser um estudante. John MacArthur diz que um pregador expositivo deve ser um diligente estudante da Escritura, o que João Calvino reforça ao dizer que o pregador precisa ser um erudito. C. H. Spurgeon escreveu que, ‘aquele que cessa de aprender tem cessado de ensinar. Aquele que não semeia nos seus estudos, não irá colher no púlpito’. Todavia, o pregador que estuda sempre terá sermões cheios de verdor para pregar. Charles Koller afirma que, ‘um pregador jamais manterá o interesse do seu povo se ele pregar somente da plenitude do seu coração e do vazio da sua cabeça’¹³.

De acordo com Kennon Callahan, em seu livro *Twelve Keys to an Effective Church* [Doze Chaves para uma Igreja Eficaz], “pregadores que compartilham sermões

¹⁰ CALVINO, 2006.

¹¹ CALVINO, 2006.

¹² CALVINO, 2009.

¹³ LOPES, 2008.

participativos e dinâmicos têm três coisas em comum. Primeiro, seus sermões são fáceis de acompanhar e fazem sentido. Segundo, seus sermões envolvem humor, lutas e o drama do texto bíblico e também da vida contemporânea. Terceiro, seus sermões compartilham algo com a igreja que traz esperança e ajuda em meio à dor, o sofrimento e a injustiça do mundo”¹⁴.

Martin Marty, professor de História da Igreja, notou que nas Igrejas Metodistas que experimentam vitalidade e crescimento, a pregação apresenta um consistente “retorno ao básico”. Numa determinada pesquisa, pastores de igrejas em crescimento foram questionados quanto ao foco teológico de sua pregação e ensino. Suas respostas comprovaram as observações do Prof. Marty: “Creio que basear uma mensagem em passagens bíblicas e ilustrações traz uma força adicional”, respondeu um pastor. “Dedico bastante tempo para estudar a Bíblia, estar com as pessoas, e procuro trazer recursos de fé para ir de encontro às necessidades das pessoas. De forma intencional nos submetemos ao julgamento e à inspiração das Escrituras”, outro respondeu.

42

Em seu livro *How to Build a Magnetic Church* [Como Plantar uma Igreja Atraente], Herb Miller enfatiza:

Os jovens adultos dizem: ‘É melhor que a pregação seja bíblica, pois não andaremos por aí tentando descobrir se ela é de fato bíblica’. Eles esperam que os sermões tenham um alto percentual de conteúdo baseado na Bíblia. Embora o pregador use poesia, humor, *insights* psicológicos, e citações de ótima literatura, os jovens adultos esperam que o ponto central e a estrutura nasçam de um fundamento bíblico¹⁵.

A igreja de hoje, independente do quanto esteja sintonizada teologicamente, provavelmente não escuta coisa alguma após trinta minutos. Uma regra de ouro é que vinte a trinta minutos seja tempo suficiente para qualquer sermão. Sermões longos apresentam o perigo em potencial de afastar as pessoas da igreja.

George Whitefield, pregador avivalista do século dezoito, disse: “Para pregar mais de meia hora, um homem deveria ser um anjo ou ter anjos como ouvintes”¹⁶. Bons

¹⁴ CALLAHAN, 1998.

¹⁵ MILLER, 1987.

¹⁶ MEAD, 1975.

pregadores percebem que a maioria das pessoas nos bancos consegue prestar atenção apenas por esse tempo.

Uma maneira de fazer sermões memoráveis é usar o princípio que Jesus usou – contar histórias. Jesus continuamente contava histórias sobre bons samaritanos, moedas perdidas e filhos pródigos. Cada história continha a verdade sobre algum aspecto importante para seguir-Lo. Jesus ensinou sobre o céu contando a história de uma festa de casamento. Ele ensinou sobre o amor de Deus contando a história sobre uma ovelha perdida. Jesus diariamente usava ilustrações para que seus ensinamentos fossem lembrados. Ele falou sobre moedas, arados, aves, lírios e mansões como ilustrações dos princípios espirituais que ensinava.

Há várias técnicas que um pregador pode usar para aprimorar seu sermão. A primeira é ouvir o áudio do sermão. Para aqueles que são um pouco mais ousados, ter alguém na igreja que faça um vídeo do seu sermão também é uma alternativa. E, então, assistir ao sermão todo. Uma segunda sugestão é fazer uma pesquisa junto à igreja, uma vez por ano, a respeito dos sermões pregados, pedindo às pessoas que enumerem os pontos fortes e fracos das pregações.

43

Pessoas podem falar alto e com grande emoção sobre qualquer assunto, mas isso não quer dizer que elas estejam falando com autoridade. Por outro lado, parece que alguns dos profetas e apóstolos, às vezes, falavam hesitantemente e sem grande eloquência, no entanto, falavam com inegável autoridade, porque a mensagem que transmitiam vinha de Deus! Por isso, declaravam: “Assim diz o Senhor!”. Na tradução do hebraico bíblico essa declaração significa, literalmente, “oráculo de Javé”.

De acordo com o Manual de Teologia Moody, ela aparece cerca de trezentas e oitenta vezes no Velho Testamento, a maioria delas nos livros dos profetas maiores e menores¹⁷. Nós podemos encontrá-la em referências como: “Disse o Senhor a Moisés: Apresenta-te a Faraó e dize-lhe: assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva” (Êxodo 9.1), “... o Senhor lhes enviou um profeta, que lhes disse: assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu é que vos fiz subir do Egito e vos tirei da casa da servidão” (Juizes 6.8), e “Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amós, e lhe disse: assim

¹⁷ ENNS, 2018.

diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás” (Isaías 38.1). Ela traz consigo uma carga de grande importância por (1) revelar que o profeta sabia, sem sombra de dúvida, o que Deus queria exatamente que ele fizesse ou falasse em determinada situação; (2) por declarar que Deus era a fonte e a autoridade da sua pregação – que consistia na denúncia do pecado, a proclamação do juízo, a conclamação ao arrependimento e a oferta de perdão; – e (3) por apontar para a finalidade do decreto divino, sempre irreversível e irrefutável. Ao pronunciar “assim diz o Senhor”, os profetas bíblicos não estavam apenas informando em nome de quem estavam falando ou por quem haviam sido enviados, mas determinando algo muito mais profundo, como “Ouça o que o Senhor diz” ou “Aqui está a palavra do Senhor”. Esse é o nível de consciência que todo pregador deveria ter ao abrir a boca no púlpito!

O profeta é aquele que foi chamado e comissionado por Deus, como bem declarou Robert Balgarnie Young Scott, ministro da Igreja Unida do Canadá e estudioso do Antigo Testamento, ao afirmar que: “A certeza de se ter um chamado e investidura divinos era um elemento primordial na consciência profética”¹⁸. Ser a boca de Deus, um instrumento inspirado por Deus, impelia o profeta a revelar ousada e fielmente a Palavra vinda da parte do Senhor. “Portanto, assim diz o Senhor: Se tu te arrependeres, eu te farei voltar e estarás diante de mim; se apartares o precioso do vil, será a minha boca; e eles se tornarão a ti, mas tu não passarás para o lado deles” (Jeremias 15.19). Os profetas eram homens da Palavra de Javé. Suas extraordinárias experiências religiosas não eram apenas emocionais, possuíam uma irresistível compulsão para comunicar a mensagem, convictos de que a haviam recebido de Deus.

Os profetas sempre lutaram contra a injustiça social que ameaçava sufocar o desenvolvimento da vida urbana, por causa das diferenças de classes sociais entre ricos e pobres, rebelião, idolatria, bebedice e tantos outros tipos de pecados. Também lutaram contra a opressão causada pelo poder e riqueza de algumas classes de pessoas. A época dos profetas foi caracterizada, infelizmente, por uma assombrosa degradação moral e social. O clero caiu na pior apostasia, levando consigo todo o povo. Este não mais ouvia as advertências divinas e o castigo da cegueira caiu sobre

¹⁸ SCOTT, 1968.

Israel. Seus corações tornaram-se insensíveis, assim como suas mentes, seus ouvidos e olhos se fecharam para que não pudessem entender e serem salvos, porque Deus lhes cegou o entendimento:

“Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebeis. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo. Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco (Isaías 6.9-13).

Os profetas também tinham uma visão muito nítida dos acontecimentos imediatos e iminentes. Todas as suas predições se cumpriam. Deus previu outros julgamentos, até o mais terrível, a rejeição do Messias. De acordo com Francis Davidson, em seu Novo Comentário da Bíblia: “Eles eram ‘videntes’ não porque se utilizavam da adivinhação ou ocultismo, mas porque as revelações, as visões que recebiam vinham do próprio Deus. Essas visões provinham exclusivamente de um dom sobrenatural, independentemente da vontade do profeta, pois o objeto dessas visões era revelado por Deus”¹⁹.

Estes homens que receberam uma chamada específica de Yahveh no Antigo Testamento, eram os que transmitiam a palavra diretamente de Deus. Deus é o próprio autor da mensagem que Ele transmitia ao profeta, e este ao povo. O comissionamento recebido diretamente de Deus no sentido profético, não ocorre mais com os pregadores de hoje, que são iluminados pelo Espírito Santo para comunicar a Sua Palavra.

Neste sentido, Charles Hodge, um dos maiores expoentes e defensores do calvinismo histórico nos Estados Unidos durante o século dezenove, afirma que: “Os ministros, contudo, não são profetas”²⁰ no mesmo sentido do Antigo Testamento. Uma

¹⁹ DAVIDSON, 1963.

²⁰ HODGE, 2001.

vez feita a distinção entre o profeta do Velho Testamento e o pregador da Palavra de Deus a partir do Novo Testamento, nosso entendimento se abre com o ensino do apóstolo Paulo, quando ele escreve: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4.11,12).

O apóstolo Paulo enfatiza que o ministério da pregação deve ser fundamental e necessário para produzir crescimento tanto no pregador como na Igreja. Martin Lloyd-Jones afirma que: “A pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja, que tudo mais é subsidiário a isso”²¹.

Até uma leitura casual do Antigo Testamento confirmará que a proclamação das mensagens dos profetas era acompanhada pela convicção de que Deus havia lhes dado essa mensagem específica e, frequentemente, palavras específicas, para transmitir. João Batista, como aquele que anunciou a vinda do Messias e de seu Reino, falava com tremenda ousadia, franqueza e autoridade. É evidente que as palavras de Jesus eram cheias de autoridade, uma vez que era o Filho de Deus. Frequentemente seus ouvintes ficavam maravilhados por Ele falar com tal autoridade, comparado aos rabinos daqueles dias. Ao vermos a igreja do Novo Testamento emergir, é impressionante que os apóstolos pregavam com o mesmo senso de autoridade e ousadia. O sermão de Pedro no Pentecoste, cheio do poder do Espírito Santo dá o tom, e a partir dali as mensagens dos apóstolos continuavam a ressoar com a certeza de que suas proclamações realmente eram a verdade de Deus. Como afirmou o apóstolo Paulo: “[...] ao receberem de nossa parte a palavra de Deus, vocês a aceitaram não como palavra de homens, mas segundo verdadeiramente é, como palavra de Deus, que atua com eficácia em vocês, os que creem” (1 Tessalonicenses 2.13). Não era questionável que a mensagem dos apóstolos era a mensagem dada por Deus.

Ao abrimos as Escrituras temos os pronunciamentos dos profetas, as palavras de Jesus e os escritos dos apóstolos, que vinham do “sopro de Deus”. Aqueles a quem Deus chama para pregar podem fazer isso com confiança e autoridade, se sua

²¹ LLOYD-JONES, 2001.

mensagem está baseada nas Escrituras. O comentarista bíblico Merrill Unger reforça claramente esse ponto: “As Escrituras Sagradas que foram inspiradas por Deus, literalmente pelo ‘sopro de Deus’ (2 Timóteo 3.16), têm uma qualidade poderosa se pregadas por alguém que crê que aquilo que está pregando é verdadeiramente a ‘Palavra de Deus’. A autoridade e o poder, que os oráculos inspirados possuem, são manifestos no ministério de púlpito do fiel expositor da Bíblia. Ele fala e, o fato emocionante é verdadeiro, Deus, ao mesmo tempo, fala por meio dele. Ele está consciente da sua imperfeição, assim a sua tarefa conta com a presença divina. Ele está ciente das suas fraquezas, mas percebe o poder de Deus operando na Palavra que ele prega, que é ‘viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” (Hebreus 4.12)²². Em outras palavras, quando um pregador fala como um arauto, ele precisa gritar “a Palavra”. Qualquer coisa inferior não pode ser legitimada como pregação cristã.

Para que a pregação não seja vista como uma atividade meramente humana e pouco transformadora, não se pode depender, fundamentalmente, da eficácia das habilidades naturais ou capacidade do pregador. Bryan Chapell, pastor e teólogo presbiteriano norte-americano, em seu livro “Pregação Cristocêntrica”, diz que: “Não precisamos injetar nossa autoridade na Palavra para torná-la eficaz.

47

Confiança na autoridade de Deus sobre a vida integral nos outorga a coragem de proferir sua Palavra quando e como seja oportuno fazê-lo²³. Para que a Palavra exerça o seu papel fundamental e primordial e seu grau de importância, é imperativo e necessário que os pregadores sejam vocacionados, e que apresentem em seus púlpitos sermões bíblicos e que tenham um preparo adequado, tanto espiritual como intelectualmente. Neste sentido, Stott declara que: “O primeiro passo na direção do revestimento com poder é o humilde reconhecimento de nossa falta de poder²⁴. Desta forma, a pregação precisa ser considerada verdadeiramente como prioridade na igreja cristã, continuando a ser incomparável e insubstituível, ainda como afirma Stott: “Quando, porém, a Palavra de Deus é exposta na sua plenitude e a igreja começa a

²² UNGER, 1955.

²³ CHAPPELL, 2002.

²⁴ STOTT, 1989.

ter um vislumbre da glória do Deus vivo, todos se curvam em reverente temor solene e admiração jubilosa diante do seu trono. É a pregação que realiza isso, a proclamação da Palavra de Deus no poder do Espírito Santo. É por isso que a pregação é incomparável e insubstituível”²⁵.

O pregador deve ser vocacionado por Deus para a mais importante tarefa do mundo e, consciente de sua excelente missão, dispor-se nas mãos de Deus buscando a direção do Espírito em todas as áreas de sua vida, pois “a obra da pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser convocado”²⁶.

Stott também expõe claramente esse ponto: “É um princípio básico da religião cristã que cremos o que cremos não porque os seres humanos o inventaram, mas porque Deus o revelou. Consequentemente, há uma autoridade inerente ao cristianismo que não pode ser destruída. Pregadores que compartilham dessa certeza veem a si mesmos como curadores da revelação divina ou, como o apóstolo Paulo expressou, ‘[...] despenseiros dos mistérios de Deus’ (1 Coríntios 4.1), isto é, dos segredos que Ele revelou. Essa convicção não precisa nos levar a um dogmatismo obnócio, pretensioso, inflexível e arrogante, mas nos capacitará a proclamar o evangelho com confiança, como sendo as boas novas de Deus”²⁷.

48

A vida do pregador precisa referendar seus sermões. Ele deve viver o que prega, ser exemplo de vida de santidade, amor, oração, jejum, honestidade e ser sacerdote do lar. Para que a pregação readquirira o seu papel fundamental e primordial e seu grau de importância, o preparo adequado do pregador é que irá gerar a qualidade bíblica da pregação, sua solidez e integridade. Assim, a pregação transformará a vida da igreja se ela não provir de acontecimentos correntes, ou literatura em voga, não de tendência prevalentes de um tipo ou de outro, nem de filósofos, políticos, poetas e nem mesmo, em último recurso, da própria existência ou reflexão do pregador, mas sim das Escrituras²⁸. Nesse mesmo sentido, Lloyd-Jones disse que: “A pregação é a tarefa primordial da Igreja, está alicerçada desse modo sobre as evidências dadas pelas Escrituras, bem como sobre as evidências confirmatórias e corroborativas da

²⁵ Idem, 2003.

²⁶ LLOYD-JONES, 2001.

²⁷ STOTT, 1982.

²⁸ KNOX, 1964.

história da Igreja”²⁹. O pregador da Palavra não deve preocupar-se em usar recursos de retórica, exaltação de experiências pessoais, ou apenas conhecimento intelectual, em detrimento da apresentação da Palavra de Deus. O grande pregador batista britânico Charles Spurgeon afirmou: “Se vocês estudarem os originais, consultarem comentários e meditarem profundamente, mas deixarem de clamar vigorosamente ao Espírito de Deus, o estudo apenas não lhes trará proveito”³⁰.

É fundamental que pregadores percebam que sua pregação pode ecoar com poder e autoridade quando tem base sólida nas verdades das Escrituras. Independente da forma que usam, seja tópica, textual ou expositiva, a autoridade do sermão depende da autoridade da Palavra. Se desejam ser confiáveis expositores da Palavra, é imperativo aos pregadores não colocar no texto sua própria teologia, necessidades, opiniões ou compreensão cultural, mas estudar conscientemente, para definir o que o autor humano original quis dizer ou escrever. Como fazer isso?

Nossa análise de uma passagem deve começar com o estudo do contexto da passagem: contexto regional, contexto do livro, contexto canônico e contexto imediato. Walter Kaiser adiciona análise sintática, verbal, teológica e homilética na análise contextual³¹.

Nesse ponto estamos tentando estabelecer respostas para duas perguntas. Primeira, “O que diz o texto?” e, segunda, “O que significa este texto?”. Uma vez respondidas essas duas perguntas, o tema ou ideia central do texto precisa ser apresentado em termos de um tópico, isto é, o que o autor está falando especificamente, quer dizer, o que ele está dizendo sobre o assunto. Para ter autoridade, um sermão exegético ou expositivo precisa transmitir o significado do texto no qual está baseado. Como comentado sabiamente por Donald G. Miller: “Todo sermão deve ter um tema, e esse tema deve ser o tema da porção das Escrituras na qual o sermão está baseado”³². A exegese deve preceder a aplicação. Apenas após fazer isso, podemos seguir em frente com integridade.

Um aspecto específico, fundamental no processo da exegese, que faz a ponte entre o texto e o sermão, é a descoberta do propósito do texto. Nenhum texto das

²⁹ Idem, 2001.

³⁰ SPURGEON, 1990.

³¹ KAISER, 1981.

³² MILLER, 1957.

Escrituras foi escrito apenas pelo simples intento de escrever algo. Tanto os autores humanos quanto o Autor Divino tinham um propósito específico em mente. Nas palavras de Haddon W. Robinson, professor de Homilética por muitos anos do Seminário Teológico Gordon-Conwell: “Nenhum escritor da Bíblia pegou sua caneta para anotar ‘algumas observações apropriadas’ sobre um assunto religioso. Cada autor escreveu para influenciar vidas. Quando Paulo escreveu a Timóteo, ele o fez assim ‘[...] fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade’” (1 Timóteo 3.15)³³.

O pastor e escritor Jay Adams, que há mais de quarenta anos ensina sobre o ministério do aconselhamento pastoral, se refere ao propósito ou *telos* (palavra grega para propósito) de uma passagem bíblica como: “O propósito que o Espírito Santo tinha quando ele ‘moveu’ o escritor a escrever as palavras do texto [...] Não me refiro simplesmente à sua intenção na aplicação limitada a um evento no tempo em que o texto foi escrito, mas a toda e qualquer aplicação válida que ele pretendia fazer de qualquer princípio que pudesse ser generalizado a partir da verdade básica do texto”³⁴.

50

É importante que o expositor examine cuidadosamente o contexto maior e o mais próximo do texto e estabeleça o propósito específico do texto em questão. Dizer “o” propósito pode ser um pouco limitado, como pode haver propósitos menores ou secundários envolvidos, mas o propósito de um texto deve ser claro. Uma vez que o propósito for estabelecido, pode-se voltar ao sermão com esse propósito em mente. Robinson lida com essa necessidade: “Como um expositor então estabelece o propósito do seu sermão? Ele não o faz descobrindo o propósito por trás do texto que ele está pregando. Como parte de sua exegese ele deve perguntar. ‘Por que o autor escreveu isso? Que efeito ele esperava que o texto tivesse sobre seus leitores?’”.

Uma ressalva é necessária a esse respeito. Uma necessidade não pode gerar uma visão limitada na compreensão do propósito de um texto. Alguns dos escritores bíblicos (especialmente o apóstolo Paulo) tendem a tecer *insights* teológicos nas sessões de ensino prático. Isso não quer dizer que a verdade dessas declarações, às vezes breves, não possa subsistir por si mesma. Essas verdades podem ser pregadas com integridade e autoridade, se forem desenvolvidas com um propósito em mente.

³³ ROBINSON, 1

³⁴ ADAMS, 1982.

No entanto, o propósito do texto mais amplo pode ser bem diferente do propósito das declarações de digressão mais breves. Em todo caso, no processo exegético, o pregador deve esforçar-se para estar ciente do propósito do texto, e então, de forma responsável, se voltar ao sermão com esse propósito em mente. Como Robinson indicou: “Não importa quão brilhante ou bíblico seja um sermão, sem estabelecer o propósito não vale a pena pregá-lo”.

Uma maneira prática como isso pode ser aplicado é anotar o propósito geral do texto no topo das anotações do sermão e, então, após uma análise detalhada das necessidades da igreja, anotar o propósito específico do sermão logo abaixo. O segundo propósito deve basear-se no primeiro. A autoridade do sermão depende da autoridade da Escritura no qual está baseado. Quando o sentido, conceito ou ideia central e o propósito do texto são a base do sermão, o sermão vai ter a autoridade da Palavra de Deus.

A IMPORTÂNCIA DAS CÉLULAS

51

Creio que as células de estudo bíblico nas casas, quando bem organizadas, são o segredo de uma igreja em crescimento. Por que utilizo o termo células, e não grupos pequenos ou grupos de comunhão? Porque a palavra célula sugere multiplicação, e somente assim, multiplicando-se, a igreja alcançará um maior crescimento.

Jesus utilizou esse modelo com seus discípulos, e a igreja deve segui-lo. O ministério de Jesus nasceu numa época em que a vida social acontecia, em grande parte do tempo, nas casas, e a família era considerada a principal base da sociedade judaica. Tanto era assim que, nas casas, Jesus: 1. Relacionou-se com as mais diferentes pessoas e suas famílias, como Pedro, Mateus, Zaqueu, Jairo e Simão, o leproso; 2. Curou enfermos, ressuscitou mortos e realizou milagres; 3. Ensinou e partiu o pão. Jesus dedicou seu ministério público de três anos a um grupo pequeno de doze discípulos. Ele confiou àqueles doze o cuidado e o futuro da igreja. Por meio daquele grupo pequeno a igreja cresceu e alcançou o mundo. A casa de Pedro era um lugar onde Jesus, seus discípulos e amigos podiam orar e desfrutar da comunhão que havia entre eles. Era uma espécie de “sala de reuniões” ou “base ministerial” do Mestre.

Provavelmente, foi na casa de Pedro que se originou o modelo de igreja desenvolvido por Jesus: a primeira célula-modelo ou célula-piloto do Novo Testamento.

O método de Jesus consistia em enviar discípulos em duplas com o objetivo de alcançar famílias. Em cada família convertida, uma célula era plantada. Estudiosos concordam que as “igrejas nas casas” foram o ponto de partida da igreja de Cristo após a sua ressurreição, o embrião do “partir o pão de casa em casa”, o movimento da Igreja Primitiva depois do Pentecoste.

Robert Logan cita: “A beleza do sistema de células é que, mesmo em uma igreja de mil pessoas, ninguém terá de cuidar de mais do que desse punhado de pessoas [Grupo de oito a doze pessoas, que se multiplicará uma vez por ano]. Mesmo na maior igreja em células, o pastor titular interage diretamente apenas com um punhado de líderes, que por sua vez podem cada um interagir com outro punhado de líderes”³⁵.

Uma célula deve ser um microcosmo do que é a igreja maior. O pastor, professor e escritor William Barclay defende que: “Cada lar deve ser uma igreja num sentido real. Jesus é Senhor da mesa do jantar assim como é Senhor da mesa da Santa Ceia. E sempre será verdade que os que melhor oram juntos, são os que primeiramente oram sozinhos”³⁶.

52

Nesse sentido as células não são apenas grupos de estudo bíblico nas casas. De acordo com Robert Logan, células saudáveis precisam apresentar as funções descritas em Atos 2.42-47:

Eles se dedicavam ao ensino e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíaam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.

Da mesma forma o apóstolo Paulo cumpriu seu chamado: De casa em casa, plantando igrejas nos lares. Foi em Tessalônica, colônia romana com cerca de duzentos mil habitantes, cidade próspera e atrativa ao comércio, que ele plantou,

³⁵ LOGAN, 1989.

³⁶ BARCLAY, 1984.

acompanhado por Silas, a primeira igreja de sua segunda viagem missionária: “Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (Atos 17.6). Entre os tessalonicenses havia dois tipos de moradia: As casas maiores, que comportavam de vinte a cem pessoas, chamadas *domus*, e as menores, habitações populares que comportavam de oito a quinze pessoas, chamadas *insulas*. Podemos afirmar que foi uma *insula*, a de Jasom, o local onde o apóstolo iniciou sua primeira célula.

De acordo com Rodney Stark, professor de Sociologia e Religiões Comparadas da Universidade de Washington, “durante os séculos I ao III, a igreja foi perseguida e sobreviveu! Não estavam mais nos templos, pois foram expulsos pelos judeus, agora estavam nas casas!”. Stark continua dizendo que “o poder da comunhão desses – pequenos grupos marginais – as células, influenciou o Império Romano a tal ponto que o cristianismo tornou-se a religião oficial do Estado”. O poder da igreja em células é capaz de subverter a ordem social, política e econômica de uma sociedade por meio do evangelho. Neste aspecto, Steve Addison, estudioso dos movimentos de renovação e expansão da fé cristã, afirma: “O evangelho transforma pessoas, e pessoas transformadas transformam o mundo!”.

A REFORMA E O RETORNO DA IGREJA AOS LARES

Martinho Lutero deflagrou, no século dezesseis, uma reforma teológica que transformou a história do Ocidente, quando redescobriu a salvação “somente pela graça mediante a fé” e defendeu as cinco “Solas”: Sola Fide (Somente a fé), Sola Scriptura (Somente as Escrituras), Solus Christus (Somente Cristo), Sola Gratia (Somente a Graça) e Soli Deo Gloria (Glória somente a Deus).

Ainda no século dezesseis, João Calvino resgatou o conceito da evangelização, pois acreditava que devemos fazer uso total das oportunidades que Deus nos dá para evangelizar. Ele declarou: “Quando uma oportunidade para edificação se apresenta, devemos perceber que uma porta foi aberta para nós pela mão de Deus a fim de que possamos introduzir Cristo naquele lugar e não devemos nos recusar a aceitar o generoso convite que Deus nos faz”.

No século dezessete, Phillip Jacob Spener enfatizou as Escrituras quando promoveu um movimento distinto na história da igreja, o Pietismo, por meio de reuniões

nas casas – as *ecclesiolae ecclesia*, isto é, “igrejas dentro da igreja”. Já no século dezoito, John Wesley enfatizou a vida de santidade por meio dos pequenos grupos. As “classes” de Wesley na realidade não foram outra coisa, senão igrejas nos lares (Células), com reuniões que duravam cerca de uma hora, em que cada pessoa relatava os progressos espirituais que experimentava e muitas conversões aconteciam. Como diz o adágio: “Converta-se o indivíduo e a sociedade se transformará!”. E, por fim, no século vinte, J. Dwight Pentecost, escritor e professor emérito de Exposição Bíblica do Seminário Teológico Dallas, enfatizou a plenitude do Espírito Santo nesse caminhar da igreja.

Sete razões por que a igreja em células é poderosa: 1. O povo de Deus pode exercer o sacerdócio universal de todos os crentes. O ministério está nas mãos do povo; 2. O ministério é exercido nas casas que hospedam uma célula; 3. No ambiente acolhedor da célula o relacionamento entre as pessoas produz vínculos reais; 4. Cada discípulo é cuidado integralmente; 5. Há identificação dos dons com maior facilidade; 6. A vida cristã desenvolve-se sem formalidades ritualísticas; 7. O crescimento é diário, semanal, mensal e anual! Crescimento em todo tempo e sem precedentes!

54

O sucesso das células nos lares está firmado sobre três pilares: Compromisso com a visão, conexão cultural e relacionamentos contagiantes.

O compromisso com a visão é como o ar que os discípulos e as discípulas respiram, e a razão de existirem. Essa visão é ganhar multidões e cuidar bem delas. Quem tem compromisso com a visão transforma sua casa, sua igreja, seu bairro, sua cidade e o mundo! O compromisso é com Deus e com o guardião da visão: o pastor titular da igreja. Segundo Steve Addison, é fundamental “ter uma identidade e uma missão clara. Todos os aspectos do movimento da igreja em células devem estar alinhados com o propósito do guardião da visão”.

Quanto à conexão cultural, entendemos que células poderosas são células culturalmente contextualizadas. Células saudáveis alcançarão grupos sociais distintos de maneira eficaz. Células conectadas à cultura ao seu redor são ambientes ideais para que as conversões ocorram.

Quanto aos relacionamentos contagiantes, entendemos que as células se espalham rapidamente por meio de relacionamentos pré-existentes. Redes de relacionamentos são o meio pelo qual as células se expandem.

Logan enumera sete propósitos primários das células nos lares: Ensino (estudar e aplicar a Palavra de Deus), comunhão (desenvolver relacionamentos de apoio e prestação de contas mútuos), adoração (louvar a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele fez), oração (ouvir e compartilhar intimamente com Deus; interceder em favor de outros e em favor da obra de Deus no mundo), poder (experimentar o enchimento e derramamento do Espírito Santo), ministério (usar os dons espirituais e amar uns aos outros de forma prática para suprir necessidades) e evangelismo (impactar nossa cidade e compartilhar as boas novas para que as pessoas se tornem discípulas de Cristo).

As células exercem um papel vital para criar uma atmosfera que estimula visitantes a se tornarem rapidamente discípulos ativos na vida da igreja. Lyle Schaller descobriu que: “É menos provável que aqueles que fazem parte de uma célula com relacionamentos próximos se tornem inativos na igreja, e a participação numa célula é mais significativa do que se unir formalmente à igreja. Eles são envolvidos antes de se unirem à igreja”.

55

Complementando, Flavil Yeakley, que se dedica às estatísticas do crescimento de igrejas, estudou as diferenças entre aqueles que abandonam a igreja e os discípulos ativos da igreja e concluiu em sua dissertação de doutorado: “Quando uma pessoa não tem contatos pessoais significativos com a igreja no processo de sua conversão, é provável que ela não sinta um senso de pertencer significativo com a igreja após sua conversão e por isso também é muito provável que ela a abandone”³⁷. É sábio criar a expectativa de que todos os discípulos da igreja participem de uma célula durante a semana. Essas células são o lugar onde pessoas são ensinadas, amadas, recebem oração (cadeira do milagre) são encorajadas, desafiadas e prestam contas.

Cada célula definirá o dia e horário da sua reunião, que terá a duração de uma hora e meia, assim constituída: meia hora para estudo bíblico, meia hora para compartilhamento e meia hora para oração. Cada célula deverá iniciar e terminar no horário estipulado. Fica a critério do lar hospedeiro o tipo de refeição que será oferecida na célula, e jamais será servida antes do final da reunião. Quando alcançar

³⁷ YEAKLEY, 1979.

quatorze ou quinze pessoas, a célula se multiplicará em duas. Cada célula terá um líder, um líder em treinamento e um anfitrião. A célula se reunirá durante todo o ano. Haverá um intervalo na semana do Natal até o dia do Ano Novo. Quando houver crianças, uma célula será realizada para elas, ao mesmo tempo, sob a coordenação de um adulto treinado para exercer esse papel.

É muito importante selecionar cuidadosamente o material para o estudo bíblico na célula. Gareth Icenogle, professor do Seminário Teológico Fuller, Califórnia, definiu isso muito bem ao sugerir como escolher os temas bíblicos apropriados para as células. Segundo ele, devemos levar em consideração o contexto e os interesses dos discípulos e discípulas da célula. É importante alcançar um consenso em relação às opiniões da célula sobre as escolhas. Devemos evitar material que os discípulos considerem muito familiar, muito longo ou muito difícil. Deve-se levar em conta o conhecimento bíblico e o nível motivacional de cada discípulo para estudar a Bíblia. Nunca devemos presumir que a maioria deles tenha muito conhecimento bíblico.

Gareth Icenogle sugere em suas palestras sobre o estudo bíblico nas células, que usemos uma tradução contemporânea, para promover a unidade e respeitar a diversidade. O líder deve usar uma Bíblia de estudo ou um comentário bíblico para verificar o contexto histórico dos textos, uma concordância, um manual bíblico, um dicionário bíblico e dicionário da língua portuguesa, pois serão úteis no preparo do estudo³⁸.

56

Há algumas ferramentas essenciais para um bom estudo bíblico e a escolha de uma boa Bíblia de estudo é fundamental. Em relação à didática do estudo em si, a escritora Oletta Wald³⁹, autora do livro *The Joy of Discovery in Bible Study* [A Alegria da Descoberta no Estudo Bíblico] sugere alguns métodos que destacaremos a seguir, pois poderão ser úteis na escolha do método a ser usado e no sucesso do estudo bíblico.

1. Método Indutivo. Esse método usa ao menos três fases de estudo: observação dos fatos, interpretação do que o escritor quis dizer e aplicação na vida pessoal. Perguntas preparadas conduzem a célula por essas três fases. Vamos supor que estejamos estudando um trecho da carta de Paulo aos filipenses. Por onde

³⁸ ICENOGLE, 1995.

³⁹ WALD, 1975.

começamos? Que passos devemos dar? Vamos dar os passos juntos: Estabeleçamos e nos familiarizemos com o contexto de vida do escritor e de seus leitores originais. Por que o escritor escreveu aos filipenses? Quais eram as questões em pauta? Em que posição do argumento de Paulo se enquadra o nosso parágrafo?

Analisemos o texto. Queremos ser o mais objetivos possível! Deixemos o texto confirmar suas opiniões. Devemos estar cientes das ideias preconcebidas que possamos ter a respeito do texto, para podermos descobrir o que o texto quer dizer, e não o que nós gostaríamos que ele dissesse. Por que Paulo estava tão preocupado com a alegria? Observemos especialmente os verbos. A ação está centrada em quem? Perguntemos ao texto o que ele fala a respeito de Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, pecado, propósito de vida, paz etc. A seguinte lista de perguntas nos ajudará a descobrir essas questões:

“Quem?”. Devemos enumerar os personagens de cada parágrafo para identificá-los e descobrir as informações que cada parágrafo fornece sobre eles. Então, perguntar: “O quê?”. Anotemos detalhes como acontecimentos, ações e diálogos. Se estivermos estudando uma narrativa, como o Evangelho de Marcos, devemos enumerar os acontecimentos em ordem cronológica. “Onde?” é a pergunta seguinte: Descubramos a posição geográfica da história. “Como?” é a próxima pergunta: Como o enredo se desenvolveu e como os personagens responderam. Finalmente, perguntemos “Por quê?”, para sabermos por que os fatos aconteceram daquela forma. Esforcemo-nos para descobrir os motivos por trás de uma declaração significativa, quando, por exemplo, perguntarmos: “Por que o apóstolo Paulo usa a palavra ‘portanto’ em Romanos 12.1?”.

Segue-se, então, a interpretação. Aqui devemos nos preocupar com o significado do texto. O que o autor realmente quis dizer? Precisamos descobrir seus pensamentos, atitudes e emoções. Na interpretação nós tentaremos responder algumas das questões que o texto coloca e descobrir quais os princípios ensinados nele: Qual o desafio colocado pelo apóstolo?

Aplicação é o passo seguinte. Nosso estudo não estará completo até que apliquemos a verdade do texto à nossa vida. Para sermos transformados pelo estudo bíblico e nos tornarmos mais parecidos com Jesus Cristo, devemos aplicar sua verdade em nossa vida pessoal. Como os *insights* recebidos do Espírito Santo me

ajudarão a seguir Jesus como Senhor? Há alguma promessa da qual eu possa me apropriar ou alguma ordem que preciso obedecer? Deus revelou algum pecado em minha vida? Precisamos estar cientes da nossa tendência de sermos genéricos em vez de específicos. O que exatamente cada discípulo deve fazer? Quando? É possível fazê-lo? Devemos decidir o que desejamos fazer, e então, orar ao Senhor, comprometendo-nos com Ele a fazer aquilo que decidimos fazer.

2. Método do Aprofundamento. Neste método cada pessoa lê uma porção selecionada das Escrituras, parafraseia o texto e então permite aos integrantes da célula refletir sobre a explicação feita por cada pessoa.

3. Método Relacional. Este método funciona melhor com parábolas ou outros textos que envolvem pessoas. Trata do relacionamento com Deus, conosco mesmos, com os outros e com o mundo. Primeiro, a célula lê o texto selecionado, depois enumera quais relacionamentos o texto apresenta e com quem são esses relacionamentos, e então aplica-os à sua própria situação.

4. Método de Estudo de um Livro. Este método visa estudar um livro da Bíblia inteiro por um determinado tempo, descobrindo por que o livro foi escrito, o seu tema central e o que isso tem a nos dizer hoje.

5. Método de Estudo de Personagens. É outro método interessante. O propósito é analisar profundamente personagens bíblicos e observar suas personalidades, pontos fortes e fracos. Este método nos ajuda a perceber que os personagens bíblicos não eram diferentes das pessoas de hoje, assim podemos nos identificar com o relacionamento deles com Deus.

Na Igreja Presbiteriana Central de Londrina, as células estudam os sermões pregados nos cultos dominicais de adoração, cujo conteúdo é adaptado para esse fim. Entendemos que o aprendizado de um texto se torna mais eficiente, quando o discípulo já ouviu a exposição do mesmo, por meio do sermão pregado anteriormente. A compreensão e a retenção são facilitadas e o conteúdo bíblico vai entrando na mente e no coração e assim colabora para a edificação da fé e a maturidade espiritual de cada um.

Os dons do Espírito Santo devem ser exercidos para a edificação de todo o corpo de Cristo. Quando isso acontece, o poder de Deus trabalha e nada pode desencorajar a igreja, pois seus discípulos estão abençoando uns aos outros e se

fortalecendo mutuamente. A igreja necessita de um bom ensino a respeito dos dons, uma vez que essa doutrina, infelizmente, pode gerar muitos desentendimentos e polêmicas no seio de uma igreja histórica.

No início do sétimo capítulo de sua primeira carta aos coríntios, Paulo aponta áreas específicas que seus destinatários haviam levantado com ele: “Quanto aos assuntos sobre os quais vocês escreveram” (v.1). Paulo escreve sobre casamento e divórcio (7.1^{ss}), sobre virgindade (7.25^{ss}), sobre a comida oferecida aos ídolos (8.1^{ss}) e sobre a coleta da igreja de Jerusalém (16.1^{ss}).

No capítulo doze dessa mesma carta ele levanta a questão dos dons espirituais. Paulo abre a discussão ao citar que o teste da expressão extasiada acontece se tal discurso reconhece o senhorio de Cristo (vv.1-3). E enfatiza que há vários dons (v 4), mas que cada um é dado por Deus para o bem comum (v.5^{ss}). Ele continua, um pouco à maneira de um filósofo estoico, e ilustra e reforça seus pontos recorrendo à analogia do corpo humano. Ele conclui: “Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo” (v.27). Depois ele retorna à questão dos dons (vv.28-31). O questionamento dos coríntios envolvia *pneumatika* (12.1), “questões espirituais”, e Paulo responde explicando *charismata*, “dons espirituais”. Primeiro ele se identifica com a fonte (vv.4-6). A estrutura triádica desses versículos é óbvia:

“... variedade de dons ... o mesmo Espírito”;

“... variedade de serviços... o mesmo Senhor”;

“... variedade de trabalhos... o mesmo Deus”.

O texto levanta duas outras questões além da origem dos dons e eu me atenho a isso primeiro. Quanto ao significado de *diaireseis*, as principais versões em inglês o traduzem como “variedade”. Por outro lado, a maioria dos comentaristas preferem traduzir como “distribuição” e muitos se referem a 1 Coríntios 12.11: “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui (*diairoun*) individualmente, a cada um, conforme quer”. Em favor das traduções podemos dizer que as três repetem “[...] variedade [...] mesmo”. Já em “[...] distribuição [...] mesmo [...]” temos a perda de um poderoso contraste.

Após o resumo dos versículos 4 a 6, Paulo acrescenta, no versículo 7, uma lista de diferentes dons (vv.8-10). Talvez alguns estudiosos estejam certos em ver os dois

significados da palavra nesse texto. Certamente os dois significados estão claramente evidentes em todo o capítulo.

O paralelismo das três proposições nos dá duas descrições para “dons” – “serviço” (*diakoniai*) e “trabalho” (*energemata*). No primeiro caso, Paulo vê os dons como oportunidades para servir à comunidade cristã com o que vem do Senhor. E ele “não veio para ser servido, mas para servir” (Marcos 10.45). No segundo caso, ao chamar os dons como “trabalhos” de Deus que inspira todos eles em cada um, Paulo diz que, quando os dons são exercitados, o poder de Deus trabalha nos cristãos em benefício de outros. Sem esse poder a igreja não será “...a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Efésios 1.23).

Voltando agora à origem dos dons, Paulo diz que não é nenhum outro do que Deus, Pai, Filho, e Espírito Santo “o mesmo Espírito; [...] o mesmo Senhor; [...] o mesmo Deus”. Nessa “notável leitura das fórmulas trinitárias posteriores”, Paulo afirma que “quando dons são usados por um membro do corpo de Cristo, a Trindade como um todo trabalha por meio de um indivíduo para o bem-estar e bênção de outros”. No capítulo quatorze, Paulo tenta diminuir a supervalorização (por alguns coríntios) do dom de línguas, mas claramente não pode ser considerada uma visão diminuída dos dons como um todo.

Como vimos, Deus é a origem dos dons espirituais, ele inspira todos eles em cada crente. Paulo repete essa questão usando a analogia do corpo. Os membros não escolhem seu próprio dom; sua alocação é prerrogativa de Deus que os “dispõe” (v.18) e os “estrutura” (v.24) de acordo com a sua vontade soberana (v.18, conforme o v.11).

Em segundo lugar, usando a analogia do corpo, Paulo destaca a diversidade dos dons na unidade do corpo: “Assim, há muitos membros, mas um só corpo” (v.20). A analogia com o corpo humano é a maneira de Paulo descrever e justificar a diversidade de atuação dentro da igreja. No entanto, as diferentes funções dentro do corpo não podem ser colocadas em uma ordem de importância. Paulo nos lembra que os membros mais fracos do nosso corpo (como os olhos) são indispensáveis (v.22), e os membros que são menos apresentáveis, nós os vestimos e os tratamos com especial honra (v.23). Da mesma forma, Deus ajustou o corpo de Cristo, a igreja, dando a maior honra à parte menor (v.24). Qual é a razão disso?

Isso nos leva ao terceiro ponto, “a fim de que não haja divisão no corpo” (v.25). Os diferentes membros e órgãos precisam uns dos outros e precisam cuidar uns dos outros (vv.21,25). Então, dentro da igreja os dons devem ser exercitados “para o bem comum” (v.7). Paulo se aprofunda no propósito dos dons no capítulo quatorze. Ali, sem dúvida, para ir ao encontro das questões específicas levantadas pelos coríntios, ele contrasta o dom de línguas e o dom de profecia. Ao avaliar os méritos desses dois dons, ele dá a preferência para a profecia, porque por meio dela toda a igreja é edificada; enquanto alguém que fala em línguas, a não ser que seu dom venha acompanhado pela interpretação de línguas, pode edificar somente a si mesmo (14.2-5).

A edificação da igreja é o meio para avaliar os dons; esse é o critério para a avaliação. Assim Paulo declara: “Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas [...] para que a igreja seja edificada” (14.5). “Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (14.12). “Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja” (v.26). Como coloca Frederic Bruner, em sua Teologia do Espírito Santo: “Edificação (*oikodome*) se torna o tema desse capítulo (vv.3-5,12). Como o amor é a prática deles (capítulo treze), assim a edificação é o seu alvo (capítulo quatorze). No entendimento de Paulo, o principal critério para um dom do Espírito é a seguinte pergunta: Isso está edificando a igreja?”⁴⁰.

61

CONCLUSÃO

Finalmente, nos voltamos ao modo como o Espírito Santo opera no corpo. Tomemos emprestada a frase de Bruner para classificar os capítulos doze a quatorze de 1 Coríntios. Seu título geral é “1 Coríntios 12-14: O âmbito do Espírito como o corpo de Cristo”, e intitula os três capítulos como segue:

1 Coríntios 12: A obra do Espírito (*charismata*)

1 Coríntios 13: A prática do Espírito (*agape*)

1 Coríntios 14: O alvo do Espírito (*oikodome*)

⁴⁰ BRUNER, 1983.

Isso é útil ao mostrar a relação entre os três capítulos, e explica a posição do capítulo treze, que alguns, incorretamente, consideram um desvio do assunto no meio da discussão sobre os dons espirituais. Apesar de os dons serem muito importantes, de acordo com Paulo, existe “um caminho ainda mais excelente” (12.31), o caminho do amor.

Os dons são inferiores ao amor de duas maneiras. Primeiro, sem amor os dons não têm valor (13.1-4). Aqui ele se refere especificamente aos dons de línguas, profecia, sabedoria, conhecimento, fé e ajuda. E Paulo afirma que, mesmo tendo esses dons, se não tiver amor, “Eu não sou nada” e “Eu não ganho nada”. Segundo, contrastados pelo amor, os dons são apenas temporários: “O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão” (v.8). Portanto, embora a igreja deva buscar os melhores dons com dedicação (12.31), especialmente a profecia (14.1), mesmo assim, o caminho ainda mais excelente do amor deve ser perseguido incessantemente (14.1).

Pode ser que estejamos reforçando a analogia do corpo excessivamente, mas como foi dito que os crentes individuais são os diferentes membros e órgãos do corpo, e seus dons são as diversas funções desses membros e órgãos, então o amor representa os tendões e ligamentos que ligam as diferentes partes umas às outras, e o amor de Cristo, por meio da atividade do Espírito, forma a corrente sanguínea do corpo todo.

Pastores não podem ser apenas pregadores. Eles devem ser homens sábios, cheios do Espírito Santo, para guiar a igreja pelo caminho certo. Pastores precisam equipar o rebanho com conhecimento da Palavra, ferramentas e dons espirituais e ter unção, autoridade e poder para pregar e ensinar seu povo para que a igreja cresça, seja transformadora e alcance seu objetivo, e assim cumprir a Grande Comissão deixada por Jesus, conforme Mateus 28.18-20.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay E. **Preaching with Purpose**. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

BARCLAY, William. **New Testamente Words**. London: Fountain Trust, 1973.

BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado**. São Paulo: PES, 1989.

BLACKWOOD, Andrew Watterson. **A Preparação de Sermões**. São Paulo: Aste, 1981.

BRUNER, F.D. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 1983.

CALLAHAN, Kennon L. **Effective Church Leadership**. San Francisco: Harper Collins, 1990.

CALVINO, João. **As Institutas**: Edição especial com notas de estudo. 3 vol. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CHAPPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

DAVIDSON, Francis. **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.

ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2018.

63

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

ICENOOGLE, G.W. **Course the Church Ministry Though Small Groups**. Atlanta: Fuller Theological Seminary, 1995.

KAISER, Walter C. Jr. **Toward na Exegetical Theology**. Grand Rapids: Baker Book House, 1981.

KEKKY, William. **Lectures on teh New Testamente Doctrine of the Holy Spirit**. London: H.W.Broom, 1868.

KNOX, John. **À integridade da Pregação**. São Paulo: Aste, 1964.

LLOYD-JONES, Martin. **Pregação e Pregadores**. São José dos Campos: Editora Fiel. 2001.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: A ação do Espírito Santo na vida da Igreja. São Paulo, Hagnos, 2012.

MILLER, Herb. **How to Buid a Magnetic Church**. Nashville: Abingdon Press, 1987.

RAVENHILL, Leonard. **Por que tarde o pleno avivamento?** Venda Nova: Editora Betânia, 1989.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 1983.

SCOTT, Robert Balgarnie Young. **Os profetas de Israel**. São Paulo: Aste, 1968.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos meus alunos**. São Paulo: PES, 1990.

STOTT, John. **A integridade da Pregação**. São Paulo: Aste, 1964.

UNGER, Merrill F. **Principles of Expository Preaching**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1955.

WALD, Oletta. **The Joy of Discovering the Bible**. Minneapolis: Augsburg, 1975.

YEAKLEY, Flavil. **Why Churches Grow**. Arvada: Christian Communications, 1979.



PASTORAL

JOVENS CRISTÃOS E A SOCIEDADE DO CANSAÇO: DESAFIOS NA PLURALIDADE, DESEMPENHO E FÉ

Murilo Lucini Dias

Thanos, o super vilão dos filmes¹ Marvel, tinha um único objetivo supremo: salvar o “mundo”! É isso mesmo. O objetivo supremo do Titã louco era reunir as seis joias do infinito em sua manopla do infinito *para* o permitir salvar o universo Marvel por meio do extermínio de metade de seus habitantes. A justificativa para tal extermínio em massa é que essa seria a única maneira, na visão dele, de evitar que os recursos fossem esgotados e que houvesse o ‘balanceamento perfeito’, evitando problemas políticos, sociais e econômicos como a fome e a miséria. Em um de seus diálogos no filme, por exemplo, ele diz à personagem Gamora:

- *O planeta estava à beira de um colapso. Eu consegui impedir isso! Sabe o que aconteceu desde então?! As crianças que vieram só conhecem barriga cheia e céu azul. É um paraíso!*

- *Porque você matou metade do planeta!!! (Responde Gamora)*

- *Um pequeno preço a se pagar pela salvação.*

Em outro momento, em um embate com a personagem Doutor Estranho ele faz a seguinte afirmação: “Com todas as seis joias eu poderia simplesmente estalar os dedos e todos eles deixariam de existir. Isso seria... misericórdia.”

É evidente que cristãos sustentam absoluta discordância com Thanos, não apenas porque o desejo de salvar certas pessoas não justifica o extermínio de outras, visto terem valor intrínseco e idêntico como *imago dei*, mas também porque o plano de Thanos tem como cosmovisão subjacente a falha teoria populacional malthusiana, proposta inicialmente por Thomas Rober Malthus em 1798, e desenvolvida em termos mais extremos no século 20 no Neomalthusianismo, que defende o controle populacional e, em casos mais extremos, o efetivo extermínio de pessoas, por

¹ Faço referência ao filme pois nos quadrinhos o objetivo de Thanos com o extermínio é diferente.

entender que a causa principal da miséria e fome é o aumento da população frente a um sistema fechado de recursos. Porém o sistema de recursos criados por Deus é aberto. Os avanços em produtividade de alimentos, em tecnologia e soluções demonstram isso claramente. Há possibilidades ainda não conhecidas de multiplicação e sustentabilidade. O mundo não é um jogo de soma zero ou uma ‘pizza de oito pedaços’ pelos quais disputamos. O mundo é a criação de um Deus que multiplica².

Mas talvez Thanos tenha algo a ensinar a jovens em uma realidade como a nossa: plural, atarefada e cansada. Há tantas opções e demandas para nós quanto universos no mundo Marvel. Há centenas de graduações, milhares de possíveis amigos e cônjuges, literalmente milhões de livros para ler, um mundo inteiro a conhecer, uma infinidade de caminhos a tomar. Acrescente a isso sermos a sociedade do espetáculo, onde toda refeição em algum bom restaurante clama por ser mostrada (mais que apreciada), onde entramos no Youtube ou Instagram para ver um passo a passo de como executar uma tarefa de nosso cotidiano e acabamos perdendo-nos em horas de Shorts, Reels, vídeos e postagens de famosos que clamam por nossa atenção com seus espetáculos sem, contudo, oferecerem qualquer coisa relevante em troca. E após nos estufarmos de conteúdo vazio, procuramos lembrar: “O que mesmo eu vim fazer aqui quando entrei?” e, passados alguns segundos sem achar a resposta, retornamos a rotina, angustiados sob o peso da quantidade e complexidade das demandas realmente importantes que temos de lidar.

67

O jovem Cristão contemporâneo se vê exigido e esticado de diversos lados, na tentativa de atender as expectativas de sua consciência, dos seus pares, de sua família, de sua igreja. Junto a isso tem desejos, sonhos, planos, que começam bem e costumam perder inércia ao longo do tempo, ficando na prateleira de sonhos esquecidos enquanto uma novidade gera novo ímpeto em outra direção. E dessa forma pouca coisa perene e de real valor é alcançada, gerando frustração e a sensação de ser apenas um potencial desperdiçado, da vida ter escorrido por entre

² Não é o objetivo desse artigo combater o malthusianismo e o neomalthusianismo, porém há ampla literatura tanto cristã como não cristã sobre esse assunto. Sugiro a análise feita por Darrow Miller em seu livro *Discipulando Nações*

os dedos, de ao ter procurado alcançar tudo, ter feito pouco, e o pouco feito não ter valor eterno. A sensação de ter desperdiçado a vida.

Assim, o que temos a aprender com Thanos é o seu resolutivo foco. Enquanto lutava, viajava pelas diversas galáxias, traçava planos, destruía seus inimigos, forjava sua manopla e se esforçava na procura das joias que ainda faltavam, existia **um único alvo** supremo em sua mente. Todas essas ações eram direcionadas para um propósito supremo. Ele gastava sua vida em muitas atividades, mas em todas elas buscava apenas uma coisa.

Essa maneira unificada de pensar não é característica apenas do Vilão do mundo Marvel. Davi, os Apóstolos e os santos ao longo da história têm semelhança marcante com Thanos. Começemos por Davi. No salmo de número 27, ele suspira no verso quarto: “**Uma coisa** pedi ao Senhor e é o que procuro: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo”. Certamente, Davi não era alguém com poucas responsabilidades e demandas. Lemos os relatos de suas guerras, de suas obras, de seus escritos. Mas como Thanos, havia **uma só coisa** que guiava todos os esforços de Davi: contemplar a beleza do Senhor todos os dias da sua vida.

68

Em Romanos 11.36, após imprimir esforço ao longo de toda a carta para explicar o plano providencial de Deus e sua vontade para a humanidade, o apóstolo Paulo conclui dizendo: “Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, seja a glória eternamente. Amém!”

O Apóstolo Pedro, por sua vez, orientando como os cristãos deveriam proceder nos afazeres cotidianos diz: “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus lhe dá, para que, em todas as coisas, Deus seja glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio para todo o sempre. Amém!” 1 Pedro 4:11

Interessante observar também a pergunta que inicia o Catecismo de Westminster e sua resposta:

1. Qual é o fim supremo e principal do homem?

O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.

Para encerrar essa série de semelhanças, na conclusão de seu pequeno livro “O fim para o qual Deus criou o mundo”, Jonathan Edwards faz o seguinte arrazoado:

“...se tudo o que se disse em relação a esse assunto for devidamente ponderado..., parece que teremos motivo para pensar que o plano do Espírito de Deus não é revelar o fim supremo de Deus como múltiplo, mas sim como uno. Pois embora ele seja designado por vários nomes, cada um envolve o outro em seu significado; ou são nomes diferentes para o mesmo conteúdo, ou nomes de várias partes de um único todo, ou o mesmo todo observado de diferentes pontos de vista ou em seus diferentes aspectos e relações. Pois parece que tudo o que constantemente se menciona nas Escrituras como um fim supremo das obras de Deus está incluído naquela única expressão, ‘a glória de Deus’, expressão com a qual o fim supremo de Deus é mais comumente designado nas Escrituras”

Todos esses citados, de Thanos a Edwards, tinham muitas demandas, muito potencial, muitas opções. Porém deixaram grandes pegadas na história e tiveram altíssimo desempenho sobretudo, e em primeiro lugar, porque organizavam toda a sua vida ao redor de um grande propósito unificador. De uma visão que os cativava. De um grande “sim” que os tornava capaz de dizer muitos “não”. De uma alegria proposta tão grande que os fazia suportar o aparentemente insuportável, como o Senhor Jesus, que “[...] o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus.” Hebreus 12.2

69

Em tempos voláteis, instáveis e de constante mudanças como os atuais, é ainda mais urgente uma âncora firme para nos apegarmos, uma direção única a seguirmos, uma convicção inabalável que nos guie e seja a base para a tomada de decisões do que fazer e do que não fazer. Do que contribui e do que não contribui para o progresso em direção a esse alvo supremo.

Em tempos em que são muitos os desafios e dificuldades a desanimar qualquer bom propósito, uma grande visão unificada deve ser colocada como espetáculo diante dos nossos olhos todos os dias para, motivados por ela, rompermos as barreiras e avançarmos.

Esclarecer isso às nossas mentes e corações é responsabilidade premente de cada jovem. Com a pena de, ao não fazer isso, desperdiçar a vida nas miríades de demandas e agendas que o mundo inteiro deseja nos impor ou cair diante da

resistência imposta ao avanço de seus sonhos. O jovem precisa de uma visão unificada e cativante pela qual viver e, se necessário, morrer.

A vida de cada jovem é muito mais importante que todos os universos Marvel em conjunto, pois Cristo pagou preço de sangue para redimi-las individualmente. Cada segundo de um jovem é mais importante que Thanos pelo simples fato de ser real e eterno enquanto Thanos é fictício e passageiro, assim chamo você a entrar em um processo de busca por essa causa da qual sua vida é digna. Que unifica todos seus esforços. Para isso, espero que os três passos que sugiro a frente sejam os iniciais de uma longa jornada que você irá percorrer para a glória de Deus.

Passo 1: Reflita e defina o motivo mais sublime pelo qual deve viver. Esse passo é o fundamento de todos os outros, invista tempo, converse com pessoas, ore, jejue. Eu deixo aqui a sugestão de um livro que me ajudou a compreendê-lo: Em busca de Deus, de John Piper.

Passo 2: Escreva sua missão pessoal e a desdobre em um planejamento pessoal. Uma dinâmica importante para esse passo é escrever como que cartas sobre o que gostaria que as pessoas mais importantes em sua vida, incluindo o próprio Deus, dissessem sobre você no dia do seu funeral. Essa dinâmica, a princípio parece triste, porém faz você tocar em pontos profundos do seu ser. A leitura do livro de Stephen Covey, Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes, ajudará incrivelmente em todo esse passo.

Passo 3: Junte-se a uma comunidade de pessoas que tem o mesmo propósito em comum para ser inspirado e prestar contas. Penso que uma igreja local bíblica é a opção designada por Deus para isso.

Ao fazer isso e continuar a jornada após isso, com o tempo você perceberá muitos resultados, entre eles, cito três muito importantes

Resultado 1: Maior clareza para tomar decisões com base em sua missão e planejamento.

Resultado 2: Menor cansaço e maior dedicação.

Pois, como disse Viktor Frankl, psiquiatra e psicólogo judeu proponente da logoterapia que sobreviveu aos campos de concentração nazista: “aquele que tem um grande porquê, pode suportar quase qualquer como.”

Resultado 3: A alegre sensação de uma vida não desperdiçada! Uma vida que conta!

Não, você não se tornará um super-herói que jamais estará desmotivado, cansado ou confuso. Mas certamente será um homem e mulher de Deus que após longos anos de dedicação impactará sua geração e terá tido a alegria de contribuir em sua própria vocação para o espalhar da glória dele nesse mundo.

Pensando bem, você se reunirá a uma lista muito mais importante de heróis, a dos heróis da fé!

Imagens *lighthouse* – 2023 – em Maringá/PR com o Pastor Davi Lago









CHAMADOS PARA SERVIR

Rafael de Sousa Plath¹
Emerson Mildenberg²

Existe no mundo uma falsa sensação de inferioridade daqueles que servem, a história se recorda com maior facilidade de figuras eminentes dentre os povos, como reis, imperadores, generais, presidentes, ministros, etc. Desde criança somos induzidos a almejar as melhores posições na sociedade, nas empresas, na Administração Pública, no mercado, na política, na expectativa de que quanto mais altos na hierarquia funcional de um sistema, mais seremos servidos e menos precisaremos servir. Mesmo na sociedade judaica do Antigo Testamento houve uma estratificação social, a classe sacerdotal, por exemplo, ocupava uma posição bem mais nobre do que os trabalhadores do campo. Não obstante, o livro de Isaías exalta o triunfo e satisfação da pessoa de um servo, ao ver sua obra concretizada, justificando a muitos e levando sobre si o peso da maldade do mundo (Isaías 53.11).

No mundo greco-romano dos dias de Jesus, servir significava desempenhar as funções mais inferiores na estrutura social, trabalhos reservados aos servos e escravos, normalmente estrangeiros, homens sem muitos direitos sociais. Homens livres e bem-nascidos ocupavam cargos importantes, sacerdotes, escribas, comerciantes, ofícios militares. Mas é nesse cenário que o Senhor advém, conclamando seus seguidores a servirem uns aos outros, mais do que isso servindo aos discípulos com seus próprios gestos, contrariando toda a lógica organizacional de sua época, pois no Reino de Deus o maior será servo de todos (Mateus 23.11, Marcos 10.44).

Assim Jesus nos ensina a importância da mordomia cristã, do servir, da nobreza e grandiosidade da função daqueles que servem aos outros. Por vezes, já ouvi meu pastor local dizer que dentro da estrutura organizacional da igreja, quanto mais alta a posição que se ocupa, mais disposição e desprendimento para servir é necessário. Isso faz toda a diferença no contexto do Reino de Deus, que, contrariando o estilo individualista da vida secular, aí se busca ver a comunhão entre os membros,

¹ Egresso do Curso de Teologia – UniFil

² Coordenador do Curso de Teologia e Ministério Pastoral – UniFil

o crescimento de cada pessoa. Acrescente-se a isso ainda que o vínculo da perfeição, que une pessoas na comunidade cristã, o amor, é descrito pelo Apóstolo Paulo como algo que “não busca os seus interesses” (1 Coríntios 13.5), serve, portanto, aos de outrem. Nessa mesma linha, Mark Dever (2016, p. 104) escreve que “o amor nos constrange a negar nós mesmos e a servir ao próximo...nos leva a superar as dificuldades e a absorver os custos, pois desejamos ver alguém crescer”.

Em resumo, conclui-se que quem ama serve sem esperar receber algo em troca. Portanto, quando o que se busca é uma vida cristã com mais qualidade, deve-se atender à gratuita vocação de amar, que leva cada um a servir ao próximo, a dedicar seus objetivos, sua energia, seu tempo, no propósito de ver a graça de Deus na vida de outras pessoas por intermédio de si. Deus vos abençoe!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

DEVER, Mark. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.



CONTRAPONTO

CONTRAPONTO

A METANARRATIVA DA FÉ E O COMPROMISSO COM A NOTÍCIA

Sara Arrebola de Moraes Presoto¹

Quão apartado está o homem do seu trabalho? Qual a distância dos seus valores, princípios, crenças, da profissão que o mesmo exerce? Você já se fez esse questionamento? Estão, sua vida pessoal e profissional, caminhando no mesmo sentido? Falando a mesma língua?

Médicos, advogados, empresários, engenheiros, jornalistas entre tantas outras profissões. Qual o problema em prescrever um remédio a qual se tem bonificações? Qual o pecado em defender o assassino que cometeu um crime cruel? Afinal todos não temos os nossos direitos de nos justificar perante a lei? Qual o mal em supervalorar um produto ou serviço se tem quem o paga? Por que não sonegar impostos? Especificar um item inferior? E por que não apelar para manchetes sensacionalistas para que o veículo seja mais atrativo para o público e conseqüentemente converta em mais contratos comerciais?

Este presente estudo vai dissertar sobre a metanarrativa da fé e o compromisso com a notícia. Como um jornalista cristão se porta em meio às suas incumbências em uma redação, independente de qual seja o veículo de comunicação em questão, televisivo, radiofônico, impresso ou virtual.

Em síntese, o jornalismo tem o papel de comunicar uma notícia. E o que é a notícia? Um fato novo de interesse social. Para isso, aprende-se na academia que essa mesma notícia, deve ser transmitida de forma imparcial e isenta. O jornalista persegue a verdade (ou pelo menos deveria fazê-lo) e se empenha para montar o quebra-cabeça antes de transmitir a mensagem descoberta. Para isso ele recorre às fontes diversas e confiáveis, entrevista personagens e através de enquetes, apela para diversas opiniões públicas, pontos de vista de especialistas das mais variadas áreas. A própria forma de redigir o texto, visa um distanciamento do fato transcorrido.

¹ Jornalista, atriz, licenciada em letras e graduanda em teologia pela Unifil. E-mail: sarapresoto@icloud.com

O jornalista precisa despir-se das suas crenças, valores, visões de mundo, para não “interferir” e não dar conotações que favoreçam algum lado, ou macule outro. E isso não é tarefa simples. A própria escolha das palavras é um desafio. Cada vocábulo tem um universo próprio, particular. Mesmo os sinônimos podem, por vezes, dar conotações dúbias e deixar a matéria parecendo tendenciosa.

O grande paradigma do jornalista cristão está em preservar suas crenças e ao mesmo tempo cumprir com eficiência seu trabalho. O fato é que ele não está livre da subjetividade que o ronda e muito menos isento de pautas que podem lhe render certos desconfortos. Não há a possibilidade de se escolher o assunto que você vai tratar. Os temas, levantados em reuniões de pauta e definidos pela editor-chefe, são lhe atribuídos, sem qualquer tipo de hipótese do repórter demonstrar aptidão, interesse ou repúdio pelo mesmo. Assim funciona em uma redação de jornalismo factual. Aquele que trata das últimas notícias diárias.

O mesmo vale para programas de entretenimento, que abordam conteúdos variados e muitas vezes polêmicos. Temas que vão de encontro às crenças cristãs como: ideologia de gênero, feminismo, aborto, liberdade sexual, política entre tantos outros. Como conduzir sem ferir seus próprios valores? Como tratar de assuntos controversos quando não há a possibilidade de se posicionar ou simplesmente abster-se?

Existem linhas editoriais em que o jornalista apenas intermedia um debate, sem expressar seu ponto de vista. Em outros, ele pode prestar algumas considerações. Mas há também aquele em que, mais uma vez, dependendo da linha editorial do veículo de comunicação em questão, o jornalista pode conduzir e imprimir suas ideias, conduzindo a matéria/entrevista/reportagem de acordo com suas concepções. Imprimindo teses, teorias e conceitos que vão direcionar o leitor/telespectador/ouvinte ou seguidor para uma vertente sólida.

É fato que os veículos de comunicação influenciaram gerações em diversos momentos da história. No Brasil, o poder da mídia elegeu presidentes, estimulou impeachment, persuadiu atos, comportamentos em massa. Como se uma espécie de indução coletiva tomasse conta da população. Na década de 80 e 90, com a hegemonia de um único veículo televisivo, o que aparecia na tevê era a “verdade”

para a grande massa. Salvos poucos letrados que se opunham ao monopólio da fábrica de notícias.

Com o crescimento, surgimento e fortalecimento de outras emissoras, a “verdade” se dividiu em muitas. Canais abertos (gratuitos, o famoso broadcast), canais fechados, os conteúdos “on demand”. E se fracionou ainda mais com o advento da internet e redes sociais. Agora, não há mais uma, nem dezenas, mas milhões de facetas da verdade. Cada um pode ter a sua. Seu canal, suas redes sociais, sua página. E lá não há um compromisso. Não há mais critérios, exigências, comprometimento com conteúdos, responsabilidade sobre o impacto de se noticiar algo. Cada indivíduo propaga o que quer, da maneira que desejar, estando ele certo, ou lançando mentiras para confundir ainda mais as pessoas. Seja por ignorância ou intencionalmente. A famosa “fake news” se alastrou pelo mundo. Da mesma forma, cada sujeito é livre para seguir, compactuar ou desaprovar quem quiser. A internet virou “terra de ninguém”. E o mundo se tornou morada do “eu”.

O indivíduo pós-humanista sequer crê que verdade exista. As expressões “certo e errado” se tornaram opressivas e prejudiciais à sua autoestima. Surge então o célebre “triunfo da terapêutica”. Não há mais espaço para uma verdade absoluta, muito menos para uma metanarrativa bíblica que aponte o pecado, a perdição, a justiça. Visando se encaixar, a própria teologia se reduz em terapia. O pastor vira coach. E a autenticidade do ser humano e seu bem-estar são o foco desta nova geração.

O teólogo e escritor batista, Albert Mohler Jr (2009) em um de seus artigos publicados no site Ministério Fiel alegou:

a Bíblia é submetida à uma reinterpretação radical, geralmente com pouca ou nenhuma consideração pelo significado óbvio do texto ou pela intenção evidente do autor humano. Os textos que não agradam a mente pós-modernista são rejeitados como opressivos, patriarcais, heterossexuais, homofóbicos ou deturpados por outros preconceitos ideológicos ou políticos. A autoridade do texto é negada em nome da libertação, e as interpretações mais fantasiosas e ridículas são celebradas como “convincentes” e até mesmo “autênticas”.

Não há vez para a proclamação do evangelho. A verdade, que para cristãos é eterna, permanente e universal, passa por uma reciclagem e adaptação para se tornar conveniente para a sociedade pós-humanista. Há então, a necessidade de uma

desconstrução da verdade para a tão almejada liberdade. Constata-se uma queda da autoridade, um afastamento da moralidade, uma descrença no Deus bíblico.

Porém para o cristianismo, não há possibilidade de se desvencilhar da metanarrativa da fé que é a metanarrativa da redenção. Como verdadeiros cristãos, independentemente da profissão exercida, o dever é cumprir em primeiro lugar o que é estabelecido por Deus.

Isso não é, de maneira alguma, uma apologia a abandonar seu trabalho, mas um incentivo a se posicionar. Na primeira carta de São Paulo para os Coríntios, o apóstolo destaca “Todas as coisas me são lícitas, mas nem tudo me convêm; todas as coisas me são permitidas, mas nem todas as coisas edificam. Ninguém busque o proveito próprio; antes cada um o que é de outrem.” 1 Coríntios 10:23;24

Se em um mundo vencido pela falta de princípios, imoralidade e mentiras, cabe aos seguidores de Jesus, especialmente aos que fazem parte dos veículos de imprensa, deixar clara “A Verdade”. Isso é ser sal da terra e luz do mundo. É papel da Igreja e dever do cristão.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamentos**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, ed. rev. e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MOHLER JR, Albert. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser: o desafio do pós-modernismo**. 2009. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costumava-ser-o-desafio-do-pos-modernismo/>
Acesso em: 28 ago. 2023

BAINBRIDGE, John. **O que torna a teologia teológica?** Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-que-torna-a-teologia-teologica>. Acesso em: 10 jul. 2023.



DAY OFF

DAY OFF

Lucy – Filme de 2014

Elenco: Scarlett Johansson, Morgan Freeman, Amr Waked, Choi Min-sik

SINOPSE

Quando a inocente jovem Lucy (Scarlett Johansson) aceita transportar drogas dentro do seu estômago, ela não conhece muito bem os riscos que corre. Por acaso, ela acaba absorvendo as drogas, e um efeito inesperado acontece: Lucy ganha poderes sobre-humanos, incluindo a telecinesia, a ausência de dor e a capacidade de adquirir conhecimento instantaneamente.



83

Fonte: <http://cinegnose.blogspot.com/2014/08/o-pos-humano-de-lucy-e-o-mito-dos-10-do.html>

AFORISMOS

“A santidade é o lado visível da salvação” – C. H. Spurgeon

“Deus preza a santidade na criatura e a santidade é, em essência, prezar a Deus” – Jonathan Edwards

“A única condição para o progresso espiritual é que permaneçamos sinceros e humildes” – João Calvino





CPEL - CONSELHO DE
PASTORES DE LONDRINA

CPEL – Conselho de Pastores de Londrina

PROPÓSITO E OBJETIVOS DO CPEL

O CPEL é uma entidade caráter associativo e religioso, interdenominacional, fundada em 1943, e que tem como propósito e objetivos principais:

- Promover a unidade e fraternidade entre seus membros.
- Promover eventos que estimulem a comunhão e edificação de seus membros.
- Firmar posição pública, em defesa dos direitos dos cidadãos e da ordem.
- Representar seus associados junto ao Poder Público.
- Prestar aos seus membros, dentro das suas possibilidades, assistência social, jurídica, teológica e ministerial.

57

DIRETORIA ATUAL

Vanderlei Frari

Presidente do CPEL e Diretor Acadêmico do ISBL

Atilio Varotto Neto

Vice-presidente do CPEL e pastor da Igreja Batista da Glória

Nivaldo Caldeira

Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Comunidade da Paz

Paulo Rangel

Secretário do CPEL e pastor da Igreja Assembleia de Deus

Tarciano Bernardes

Segundo Tesoureiro do CPEL e pastor da Igreja Restauração

Vinicius Croscatto

Segundo Secretário do CPEL e pastor da Igreja Bola de Neve

CALENDÁRIO DO CPEL

12 de setembro, às 08:30

Preletor: Rev. Ricardo Agreste (Pastor da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera e líder do CTPI)

Local: Comunidade Shalom/ISBL (Av. JK, 3130 – Centro)

10 de outubro, às 08:30

Preletor: Pr. Fabiano Pinto (Pastor da Convenção Batista Nacional de Goiás)

Local: Igreja Sagradas Missões (Rua Santa Catarina, 561 – Centro)

14 de novembro, às 08:30

Preletor: Pr. Djalma Toledo (Pastor presidente da Igreja Comunhão Cristã Verdade e Vida)

Local: Assembleia de Deus Central (Rua São Vicente, 168 – Centro)

12 de dezembro, às 08:30

Preletor: Apóstolo Celsino Marques (Apóstolo da Casa de Oração para Todos os Povos)

Local: Igreja Deus Vivo (Rua Cuiabá, 144 – Centro)

58

ESPECIAIS

Celebração dos 80 anos do CPEL, na reunião de outubro, com presença de autoridades civis e demais autoridades eclesiásticas de Londrina e região.

Jantar de encerramento do ano, com pastores e cônjuges, no dia 15 de dezembro, em local a ser definido.

PROJETOS DO CPEL PARA 2023-24

- 1) Realizar o CENSO das igrejas e lideranças de Londrina, com apoio das instituições teológicas, Poder Público e Universidades.
- 2) Promover reforma estatutária e criação do Regimento Interno, com vistas à atualização de questões jurídicas, ampliação da diretoria, critérios de filiação e outros assuntos menores.

- 3) Estabelecer parcerias com profissionais de saúde mental, para atendimento gratuito de filiados do CPEL.
- 4) Auxiliar igrejas e lideranças a regularizarem diversas situações junto aos órgãos competentes.
- 5) Promover vigílias setoriais periódicas.
- 6) Continuar com as comemorações do “Dia do Pastor”, ao final de cada ano.
- 7) *Participar de iniciativas que visem fortalecer o “Dia da Bíblia”.*

Em outubro – XXIV Semana de Teologia – UniFil

30 e 31 de outubro

XXIV Semana Acadêmica de Teologia **UniFil além da Evangelização**

A Educação Teológica como preparo e Desenvolvimento da Práxis Pastoral

30 DE OUTUBRO
Vanderlei Frari
CEPEL – Presidente do Conselho de Pastores de Londrina

31 DE OUTUBRO
Dr. Wilmer Estrada-Carrasquillo
Professor em Asbury Theological Seminary – Campus de Kentucky – Wilmore/USA

INSCRIÇÕES NO PORTAL DE EVENTOS

UniFil



UniFil **VOCARE**
TEOLOGIA

Revista de Teologia da UniFil

ISSN 2965-5021

